

Água de beber

É importante beber água sabendo a procedência. E, ao contrário do que se imagina, é mais seguro ingerir o líquido que chega às nossas casas pela torneira do que o envasado por empresas de água mineral. Informações sobre sua captação e tratamento e dicas para evitar a contaminação podem ser conferidas em matéria especial. Na opinião de Carmen Castro e Antônio Benetti, professores do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS, a qualidade da água deve ter vigilância permanente desde o manancial até a torneira do consumidor.

Página Central



DIPLOMACIA CULTURAL

Reitores debatem internacionalização

Dirigentes de mais de 40 universidades brasileiras e europeias, reunidos na III Assembleia Geral do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras, discutiram formas de integração interinstitucional e internacional. Para a presidente do Grupo Coimbra europeu, Dorothy Kelly, os câmpus universitários tendem a tornar-se cada vez mais permeáveis e a dar maior visibilidade às culturas que neles circulam. Segundo o reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Seabra Costa, essa é uma evolução que ocorre no mundo todo, e o modelo de mobilidade acadêmica de redes deve estimular uma agenda de diplomacia cultural. Tal instrumento deverá permitir às universidades relacionarem-se entre si, lançando projetos de interesse comunitário e social que venham complementar a diplomacia política. A UFRGS foi uma das instituições selecionadas para o Programa de Licenciatura Internacional e já enviou sete alunos de três diferentes cursos à Portugal. **P7**

COMÉRCIO INFORMAL

A globalização que vem da China

A circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil foi o tema da tese em Antropologia de Rosana Pinheiro Machado. O trabalho, que recebeu o Prêmio de Melhor Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), estudou a rota do comércio informal desde o sul do país asiático até a porção meridional das Américas, comprovando que a informalidade é transnacional. Na opinião de especialistas, uma série de fatores históricos contribui para que os três países se envolvam nesse fluxo informal e globalizado de bens de consumo. **P5**



PESQUISA

Projetos de jovens cientistas para um mundo melhor

Eunice Maria Vigânico (foto) e Cleiton Cristiano Spaniol, alunos da UFRGS que venceram o Prêmio Jovem Cientista 2010, apresentam suas soluções para o futuro em termos de energia e meio ambiente. Cleiton, estudante de Engenharia de Produção, desenvolveu um sistema adaptável ao chuveiro ou ao aquecedor para reduzir o desperdício de água tratada. Eunice, mestre em Química, criou um método para o reaproveitamento dos rejeitos do carvão. **P11**

CIÊNCIA

Carlo Ginzburg e a História na era Google

“A ideia de que algum tipo de conhecimento altamente sofisticado possa ser imediatamente transmitido a um público maior me parece irrealista.” A afirmação foi feita pelo historiador, que apresentou a conferência de encerramento do ciclo Fronteiras do Pensamento. Um dos pioneiros da micro-história, Ginzburg entende que o Google é, ao mesmo tempo, “um poderoso instrumento de pesquisa histórica e um poderoso instrumento de cancelamento da história. E essa contradição já está modificando o mundo”. **P10**



VIOLÊNCIA

Sociólogo analisa possibilidades e limites das UPPs no combate ao tráfico

Página 4

CULTURA

Música popular conquista mais atenção e espaço na Universidade

Página 13



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Esperança e compromisso

O primeiro dia de janeiro é tradicionalmente celebrado como o dia da esperança, aquele que simboliza a projeção de expectativas, desejos e esforços para a construção de um período melhor do que o recém-encerrado. E o ano de 2011 se inicia com a esperança de significativo avanço em políticas públicas para as áreas sociais, especialmente a educação.

A posse dos mandatários dos governos federal e estadual significa o sucesso de projetos políticos que têm na educação e na ciência e tecnologia pilares para o desenvolvimento econômico e social sustentável, pois, apesar dos importantes avanços conquistados nos últimos anos, há muito terreno para progredir.

Admitindo o conhecimento como principal ferramenta para a redução das

desigualdades, a realidade nacional ainda está longe do desejável: menos da metade da força de trabalho formal concluiu o ensino médio e somente 11% tem diploma universitário. A consolidação da expansão das IFES, através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), é um imperativo. Também o são os programas de formação e capacitação de professores para o ensino básico, bem como as ações de apoio à ampliação do ensino integral profissional e de valorização do trabalho do professor.

Por outro lado, enquanto o país afirma sua presença na economia e na ciência, atingindo 2,7% do PIB mundial e estando entre as 15 nações que mais produzem conhecimento, a capacidade de inovação tecnológica ainda

engatinha: o Brasil detém apenas 0,32% dos pedidos internacionais de patentes. O forte incentivo às atividades de desenvolvimento tecnológico e inovação em projetos de interação Universidade-Empresa é outro imperativo.

Educação, ciência, tecnologia e inovação compõem a missão da Universidade e expressam seu compromisso com a sociedade e as lideranças democraticamente constituídas. A esperança institucional está embasada em ações e projetos, dos quais somos parceiros e sujeitos, que aprofundam o compromisso da Universidade com a formação de cidadãos preparados e a geração de saber para conduzir o Rio Grande e o Brasil à sociedade da tecnologia e do conhecimento.

Feliz 2011 !



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchenbecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Brunl Pereira
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cáudio Andrade, Flávio Dutra
Revisão
Antonio Falsetta
Bolsistas
Diego Mandarino, João Flores da Cunha, Marlina Morsch e Rafaela Redin
Colaborou nesta edição
Jaqueline Crestani
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Os filhos da Filosofia

A foto de capa do caderno "Os filhos da filosofia", sobre a criação da Fabico e tudo o mais que aconteceu com a reforma universitária da ditadura, é da turma de Jornalismo que se formou em 1971 e foi tirada já no prédio da Gráfica, em 1970, quando cursávamos o 2.º ano. Prestamos vestibular em janeiro de 1969, o primeiro unificado do qual só estavam excluídos os cursos de Medicina, Direito e Engenharia. Nosso curso funcionava na Filó e tinha 30 vagas. Com a revolta denominada "luta pelos excedentes", que eram aqueles vestibulandos que tinham passado mas não tinham se classificado, 60 começaram o curso. Nosso professor de fotografia era o Santos Vidarte, e a foto foi tirada com uma lente "olho de peixe". Pela ordem: ao lado da Haydée Dieboldt, Helena Carneiro, Vera Deisy Barcellos, Gisele Espellet, depois acho que é a Marta Luz, alguém que não identifico, Vera Pitt, Marília Cohen, Julio Magalhães, a Julia (não lembro o sobrenome e já faleceu), Ida e Ivo Stigger. Ao fundo: Nilson Souza, Remi Baldasso e acho que o Mario Marcos de Souza.

Gisele Espellet Di Bella,
jornalista e advogada

Reunião de notáveis

A Memória da UFRGS anda curta! A fotografia na página 2 do número de novembro/dezembro de 2010 do Jornal da Universidade apresenta, além de Santos Vidarte, e da direita para a esquerda, ninguém menos que o ex-reitor Eduardo Faraco, o ex-catedrático de Biologia Geral e ex-diretor da Faculdade de Filosofia Romeu Muccillo e o conhecido político rio-grandense José Diogo Brochado da Rocha, que, em uma idade em que muitos se retiram para suas casas para não fazer nada, matriculou-se como aluno na nossa Faculdade de Direito!

Francisco M. Salzano, professor do Departamento de Genética - UFRGS

Estágio voluntário

Me dirijo aos senhores a partir do debate de um grupo de estudantes nas redes sociais de acadêmicos de Artes, debate este que nos parece poderia ser pauta do Jornal da UFRGS. O assunto em si é a questão dos "estágios voluntários" ou curriculares, que têm-se transformado em estágios obrigatórios, pelos quais os estudantes não recebem nenhuma ajuda de custo daqueles que os "contratam". Como muito bem afirmou uma colega nesses debates: "Acho que nenhum de nós deveria aceitar. Já fui estagiária 'voluntária'. Pegava quinhentos ônibus, tinha que poupar em alimentação, me desdobrar pra cumprir as coisas da facul[dade] e pessoais, enquanto os bonitos da empresa onde eu trabalhava (e muito) deixavam compromissos de grande responsabilidade sob meus cuidados e ganhavam muito bem.

Essa história de estágio voluntário não existe, é apenas mão de obra qualificada de baixo custo, ou nenhum, infelizmente. Estagiário também mora, come, se veste. Se continuarmos aceitando esse tipo de situação, estaremos contribuindo para aquele tipo de empresa que contrata seus estagiários e, ao final do contrato – ou quando o 'escravo' se forma –, descarta o vivente para substituí-lo por outro 'voluntário', e assim continuar não remunerando ou pagando ridiculamente algum outro candidato que aceite se submeter ao mesmo absurdo!" Sabemos que é legal, que existe o programa do PIDIB [programa institucional da Capes de bolsas de iniciação à docência] que dá bolsas, assim como sabemos que há prefeituras (quase todas da região metropolitana) que pagam os estagiários, reconhecendo esse trabalho. Mas há os outros, e em especial as escolas particulares, que usam essa forma para ter seus auxiliares mais baratos... Bem, esperamos que o assunto seja de interesse para o jornal, pois, no nosso caso, o é, e muito!

Alejandro Ruiz, graduado em Artes Visuais e professor estadual do ensino médio em Esteio-RS

Livraria no Centro

Gostaria de saber quando o Câmpus Centro voltará a ter uma livraria. Desde o semestre anterior, quando a Zouk fechou, quem frequenta aquele câmpus não dispõe mais de um local para conhecer sequer os lançamentos da Editora da Universidade. O Câmpus Centro já era pobre em opções para os leitores, visto que também não possui uma banca de revistas e jornais. Isso sem falar que a loja da mesma rede, localizada no Câmpus do Vale, também fechou as portas. Em época de expansão dos cursos oferecidos pela UFRGS, fica difícil de entender por que que a administração central se descuida dessa área.

Clara Guimarães, extensionista

Obras

Quando ficará pronto o prédio de salas de aula em construção no Câmpus Centro? Gostaria de uma matéria sobre essa e outras obras em andamento na UFRGS.

Josué Madureira, ex-aluno

Nota do editor

Agradecemos aos seguintes leitores pela identificação dos personagens da foto publicada na coluna Memória da UFRGS da edição anterior: Gerhard Jacob, ex-reitor; Henry Wolff, professor aposentado da Medicina; e Emilio Rothfuchs Neto, docente aposentado da Faculdade de Direito.

Seleção de bolsistas

De 14 a 18 de março, a Secretaria de Comunicação Social estará recebendo currículos para a seleção de bolsistas dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Serão oferecidas vagas no Jornal da Universidade, no Agendão UFRGS e na Assessoria de Imprensa. Os candidatos devem estar cursando, no mínimo, o 3.º semestre. Os currículos podem ser enviados para jornal@ufrgs.br. Mais informações pelo telefone 3308-3368.

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



1943

Alunas na sala de esculturas do 8.º andar do antigo Instituto de Belas Artes, atual Instituto de Artes da Universidade



Os candidatos que optaram por fazer as provas no Litoral Norte ou na região da Serra enfrentaram um clima mais ameno

Vestibular 2011

Universidade vai ao interior do estado

Nos dias 10 e 11 de janeiro, o Jornal da Universidade acompanhou a aplicação das provas do Vestibular 2011 no Litoral Norte e na região da Serra. Desde que a UFRGS abriu aos candidatos a possibilidade de realizarem provas fora de Porto Alegre, há quatro anos, um grupo de professores, técnicos e alunos envolvidos no concurso enfrenta uma rotina puxada. Além do deslocamento das equipes e de sua acomodação em hotéis próximos aos locais de provas, o processo todo requer uma logística que deve funcionar como um relógio: após o término de cada prova e da conferência do material dos candidatos, ainda é preciso enviar esses documentos à capital e aguardar uma nova conferência da equipe que o recebe em Porto Alegre. Nada pode falhar, já que está em jogo o futuro de milhares de candidatos que anualmente buscam uma vaga na UFRGS.

Com o vento a favor – Os 895 candidatos que optaram por prestar provas no Litoral foram alocados em três escolas: Barão de Tramandaí e Almirante Tamandaré, em Tramandaí; e 9 de Maio, em Imbé.

A pró-reitora da Graduação da UFRGS Valquíria Linck Bassani visitou essas escolas no dia 10, salientando a perfeita inserção da Universidade na região litorânea. “Isso vem sendo construído há muitos anos, e se caracterizou inicialmente pela implantação do Ceclimar. Depois, se desenvolveu com a aplicação das provas do vestibular, e hoje tem no horizonte a perspectiva da implantação do Câmpus Litoral Norte.” A professora observou ainda o que para ela melhor caracteriza o vestibular da UFRGS: o grande envolvimento de todos para que o concurso transcorra com normalidade e a seriedade dos coordenadores e fiscais.

A técnica da Superintendência de Infraestrutura (Suinfra) Fátima Siqueira Romano exerce a função de coordenadora de área no Litoral Norte, atuando nas cidades de Tramandaí e Imbé. Apesar da responsabilidade de sua tarefa, Fátima afirma que o entrosamento com os colegas envolvidos na realização do processo seletivo favorece um ambiente de segurança e tranquilidade que acaba sendo repassado aos candidatos: “No primeiro dia de provas eles chegam mais apreensivos, mas, conforme passam os dias, vão ficando mais relaxados e tranquilos”.

José Ribeiro Gregório, professor do Departamento de Química Inorgânica e um dos coordenadores do vestibular na Escola Estadual de Ensino Fundamental Almirante Tamandaré de Tramandaí, explica que candidatos de todos os cursos podem inscrever-se para prestar provas no litoral. “Penso que todos aqueles que têm a possibilidade de fazer as provas no litoral devem fazê-lo, pois

além do clima mais agradável, até o trânsito tem um ritmo mais calmo, o que gera menor tensão. Temos diversos candidatos que inclusive vêm fazer as provas de bicicleta.”

Subindo a Serra – No dia 11, o vice-reitor Rui Oppermann e o pró-reitor de Gestão de Pessoas Maurício Viegas visitaram os locais onde foram aplicadas as provas do Vestibular em Bento Gonçalves. O vice-reitor destacou sua satisfação com a qualidade do processo de seleção, assinalando que o concurso foi desenvolvido à altura da expectativa que a UFRGS tem de seus futuros alunos. Um total de 1.948 candidatos se inscreveram para realizar as provas em quatro escolas: Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, Instituto Cecília Meirelles, Escola Mestre Santa Bárbara e Colégio Scalabrino Nossa Senhora Medianeira.

Roberto Cabral de Mello Borges, professor do Instituto de Informática, atua no vestibular há 36 anos. O experiente coordenador de área em Bento Gonçalves não tem medo de dizer: “O vestibular da UFRGS é o mais perfeito do país em termos de logística e de organização. Tanto que nunca tivemos um concurso anulado”. Na opinião do docente, o que faz a diferença são as pessoas envolvidas no processo. “Gente bem treinada consegue fazer um bom trabalho”, explica. Outro fator importante é o próprio manual para coordenadores e fiscais, documento minucioso que procura prever qualquer situação que possa ocorrer durante o concurso.

O professor acha que as camisetas utilizadas por toda a equipe do vestibular servem também para que as pessoas possam dizer com orgulho: “Estou vestindo a camiseta da UFRGS! Tanto que, quando saímos dos locais de provas, costumamos almoçar ainda com a camiseta e nos sentimos muito bem em sermos reconhecidos na rua como parte da equipe do vestibular”.

Ele avalia que a experiência de fazer o vestibular fora de Porto Alegre é bastante positiva. “Acho até que poderíamos expandir o número de cidades, porque assim os alunos do interior iriam contar com o apoio de seus amigos e familiares. Vale a pena para a Universidade descentralizar a aplicação de suas provas”, conclui.

Normalmente, em julho começam a ser elaboradas as provas, que têm todo um processo de maturação bastante criterioso e envolve o trabalho de um grupo de professores especializados. Por volta de outubro, inicia-se a preparação do material escrito que será usado para a aplicação das provas. Finalmente, em novembro, é dada a largada para a montagem da equipe de quase duas mil pessoas que ficará responsável pelo vestibular em janeiro do ano seguinte.

Desempenho

UFRGS é segunda melhor universidade do país

De acordo com o Índice Geral de Cursos (IGC), divulgado pelo Ministério da Educação em 13 de janeiro, a UFRGS foi a segunda melhor dentre 180 universidades brasileiras, públicas e privadas. O resultado é referente aos anos de 2007 a 2009. O índice ofereceu a qualidade dos cursos avaliada pelas instituições de ensino superior. A Universidade foi avaliada com índice 422, recebendo o conceito final 5, nota máxima. O Índice IGC é uma média ponderada dos conceitos dos cursos de graduação e pós-graduação das instituições de ensino superior. Para ponderar os conceitos, utiliza-se a distribuição dos alunos entre os diferentes níveis de ensino (graduação, mestrado e doutorado). O IGC é utilizado, entre outros elementos, como referencial orientador das comissões de avaliação institucional.

Conquista

Diplomação da primeira turma de Licenciatura em Pedagogia a Distância

Em 12 de janeiro, 58 alunos do polo de São Leopoldo receberam seus diplomas do Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância. Eles fazem parte da primeira turma de um grupo de 308 alunos de diferentes polos. Com duração de quatro anos e meio, o curso foi custeado integralmente pelo MEC, por meio do programa Pró-Licenciatura. Além de atender a essa demanda por formação em licenciatura, o financiamento serviu para consolidar a atuação da UFRGS na modalidade EAD. O reitor em exercício, Rui Oppermann, disse que a formatura demonstra a preocupação que a instituição tem com a qualificação de professores. A excelência da Universidade no ensino a distância foi tema da última edição do JU e, na coluna Meu Lugar na UFRGS deste número, alunas do polo de Três Cachoeiras, que se formam no próximo dia 27 de fevereiro, relatam as dificuldades que superaram para concluir seu curso.



UFRGS TV

Pesquisa em Pauta

A tecnologia a favor da educação

O programa Pesquisa em Pauta apresenta entrevista com a professora Léa Fagundes, do Instituto de Psicologia da UFRGS. Ela fala de sua trajetória na Universidade e da preocupação em entender como se dá o aprendizado das crianças. A professora mostra, também, como as tecnologias podem e devem contribuir para a educação básica.

O uso de novas tecnologias como a principal ferramenta no ensino já faz parte da rotina de muitas escolas. No entanto, a sua importância ainda divide opiniões. Essa mudança enfrenta a resistência de pais e professores, que ainda questionam se a troca dos métodos de ensinamentos convencionais é eficaz para o aprendizado. A professora lembra que “a escola continua com a sua cultura: lápis, papel, o espaço cartesiano do texto escrito, do quadro negro, com o professor passando o conhecimento que ele tem, e o aluno, passivo, recebendo e reproduzindo”. Além disso, boa parte dos professores ainda se sente despreparada para usar as tecnologias, encontrando barreiras que distanciam e dificultam a relação com os alunos.

Desde o início de sua vida acadêmica, Léa buscava encontrar as reais causas das dificuldades de aprendizado. Questionando os estudos de pedagogia vigentes à época, que apenas tratavam sobre métodos de ensino, ela encontrou nos estudos cognitivos de Jean Piaget uma nova abordagem sobre a aquisição do aprendizado, que deve se dar por meio da construção do conhecimento. E foi na tecnologia que a professora encontrou a ferramenta que possibilitaria a aplicação dessa inovação pedagógica, ressaltando que “as crianças têm uma intimidade com a tecnologia, uma facilidade, já que a inteligência delas funciona a mil”.

Na opinião da docente, é preciso rever todo o processo educacional do país, reformulando métodos de formação de novos professores e incluindo a tecnologia na prática de sala de aula. A sociedade ainda resiste às mudanças de paradigma e ao uso de novos métodos tecnológicos no ensino, o que torna inviável que se repense a educação. Entretanto, a modernidade já vem integrada às novas gerações, provando que a sala de aula do presente e do futuro precisa se apropriar dessas facilidades. Léa ressalta que “os professores ficam sempre assustados, com medo, pois é uma mudança muito grande para eles. E eles têm razão. Precisam de ajuda, porque a faculdade também não muda”.

Bruna Oliveira e Karen del Mauro, estudantes do 3.º e do 6.º semestres de jornalismo da Fabico

Assista aos programas

Para saber mais, assista ao programa Pesquisa em Pauta, que será exibido no dia 17 de fevereiro, às 20h10min, com reprise às 23h10min, pela UNITV, canal 15 da NET POA.



Territórios de esperança e dúvida

José Vicente Tavares-dos-Santos*

Há pouco vivíamos um tempo de cidades mortas, segregadas, partidas: os centros se esvaziaram, as populações pobres foram removidas para as periferias, os edifícios e os condomínios passaram a ser fortificados, e as organizações criminosas se implantaram em bairros populares nos quais a presença dos órgãos estatais era escassa. Somente uma polícia, muitas vezes corrupta e brutal, aparecia de quando em quando.

O modo de dominação das organizações criminosas não advinha apenas do tráfico de drogas e armas e da contratação de pessoas. Serviços começaram a ser prestados às coletividades pobres: a televisão a cabo pirata, a distribuição do gás, as caminhonetes não legalizadas. Também desempenhavam um arremedo de “bandidos sociais”, oferecendo meios a um povo desprovido de acesso a direitos e a serviços públicos. Um modo de dominação exercido também pelo fascínio do herói cruel, machista e patriarcal, no qual a violência assegurava a submissão e a obediência, garantida pela “lei do silêncio” e pelo medo recolhido. Uma cidade partida entre a favela e o asfalto, escreveu Zuenir Ventura sobre o Rio de Janeiro. Seriam todas as cidades brasileiras espaços partidos?

Tal situação nos lembra que a violência urbana realiza-se mediante formas de violência difusas e generalizadas que atormentam, há décadas, o cotidiano das populações das grandes cidades brasileiras. A noção de “cidadania dilacerada” evoca o dilaceramento do corpo e da carne e a crescente manifestação da violência física na sociedade, a qual ameaça as próprias possibilidades da participação social e da cidadania. A sociedade parece aceitar a violência, ou com ela se resignar, incorporando-a como prática social e política normal e coletiva, como o demonstram os rotineiros exemplos nas cidades, nos campos e nas florestas do Brasil. Percebe-se um “sentimento de insegurança”, estilhaçando esperanças, em rostos fatigados pela dor.

Talvez as cidades mortas com territórios de violência tenham sido uma construção mundial na modernidade tardia, principalmente em países da América Latina, como Argentina, Brasil, Colômbia e México. Um tempo de Estados neoliberais que se apequenavam em suas tarefas para o bem-estar social, produzindo outro mal-estar da civilização.

A antropóloga Alba Zaluar escreveu recentemente: “O Brasil sofre os efeitos do círculo vicioso em torno do tráfico de drogas ilegais, que dá grandes lucros aos seus empreendedores, alimenta interminavelmente a corrupção policial (em contexto de institucionalidade fraca e ineficiente), cria os espaços para o poder de agentes que se tornam sócios de outros atores (inclusive do sistema de justiça), de modo a tornar a atividade ilegal continuamente lucrativa”. E salienta que “o tráfico de drogas ilegais, desde que se introduziu no Brasil a cocaína, tem um caráter violento, seja na periferia de São Paulo e Brasília, seja nas favelas de Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Vitória ou Belém” (Alba Zaluar, *Existe uma peculiaridade do crime no Rio de Janeiro?* 12.12.2010, Blog Favela Livre).

O século XXI assiste a uma reinvenção do Estado como ator social, ao menos em alguns países do Sul Global. Retoma-se a questão da pobreza, são desenvolvidas políticas compensatórias, alguma redistribuição da renda e um aumento do emprego formal e informal. Políticas de alimentação, habitação, educação, em um amplo espectro de políticas sociais, que reinventam o Estado de Bem-Estar Social e vêm conjugando a democracia representativa com as experiências de democracia participativa.

Nesse horizonte, o governo Lula definiu e implementou o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), que “articula políticas de segurança com ações sociais, prioriza a prevenção e busca atingir as causas que levam à violência, sem abrir mão das estratégias de ordenamento social e segurança pública” (Ministério da Justiça, <http://portal.mj.gov.br/pronasci>).

Os Territórios de Paz configuram, no espaço urbano, essa combinação de ações preventivas e repressivas, policiais e não policiais. A estratégia das Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs –, no Rio de Janeiro, completa dois anos com 13



AGÊNCIA BRASIL/IMAGEMCOORDENADA

“Para chegar a Territórios de Paz, as UPPs são necessárias em algumas grandes cidades nas quais as organizações criminosas se territorializaram, inclusive no Rio Grande do Sul. Todavia, mesmo complementadas com as UPPs Sociais, têm seus limites”

unidades instaladas. O aspecto mais relevante tem sido a desarticulação do poder territorial das organizações criminosas.

Tal estratégia foi complementada pelas UPPs Sociais, coordenando órgãos públicos – municipais, estaduais e federais – e organizações da sociedade civil, as quais viriam assegurar os serviços públicos necessários às populações em situação de vulnerabilidade social. Há informações de que os índices de homicídios, roubos de veículos e assaltos a pedestres teriam diminuído, e houve apreensões de drogas, armas e dinheiros.

As dúvidas estão no ar. A amplitude dos espaços urbanos na mesma situação, bem como o envolvimento das Forças Armadas e o alto custo das operações, evidenciam que tais ações não poderão vir a produzir efeitos se um conjunto de políticas públicas de segurança não for efetivado. Lembrou o sociólogo Michel Misse que “essas ações têm que ser planejadas. O soldado é treinado para matar, e não para o policiamento” (O Globo, 2/12/2010).

No caso do Rio de Janeiro, permanece o

problema da corrupção envolvendo policiais, funcionários públicos e membros do Legislativo. As armas apreendidas eram de fato tão usadas como o revelam as fotos [publicadas nos jornais]? Onde estão as armas novas que teriam sido encontradas? Qual será a atitude do Estado frente a milícias, organizações criminosas – envolvendo policiais, ex-policiais e alguns políticos –, que, originadas nos “grupos de extermínio”, substituíram as organizações de narcotraficantes em inúmeros bairros cariocas, estimadas em duas centenas?

Cabe frisar que está havendo uma ação da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro para desarticular essas milícias – tarefa de árduo e longo curso.

Um problema crucial reside na oferta de possibilidades materiais aos jovens: como oferecer oportunidades de renda e emprego àqueles que sobrevivem com atividades no narcotráfico? Como propiciar chances de reconhecimento social e simbólico a essa geração mortificada, cuja expectativa de vida se reduz à prisão ou à morte? Evocamos Joyce: “Mesmo antes de partir na jornada da vida já pareciam cansados do caminho a percorrer” (JOYCE, James. Um retrato do artista quando jovem. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006, p. 175).

Na atualidade, é preciso transformar a segurança pública à semelhança do proposto na construção do Estado Nação: o direito à vida, um dos direitos fundamentais da modernidade. Reinventá-la como segurança para os cidadãos e cidadãs, prevenindo sua vitimização, gerenciando seus riscos e estabelecendo políticas públicas de segurança. Isso significa, também, que os profissionais da segurança pública, como Max Weber dizia, são funcionários públicos que detêm o monopólio da coerção legal e legítima. Outro sociólogo, Norbert Elias, anos depois, completaria afirmando que, para haver um processo civilizatório, seria fundamental que esse corpo de funcionários existisse com o objetivo de tornar a sociedade uma formação social pacificada, não sem conflitualidades.

Para chegar a Territórios de Paz, as UPPs são necessárias em algumas grandes cidades nas quais as organizações criminosas se territorializaram, inclusive no Rio Grande do Sul. Todavia, mesmo complementadas com as UPPs Sociais, têm seus limites. Torna-se estratégico

o desenvolvimento de políticas públicas de segurança, combinando programas de prevenção com ações de repressão inteligente às organizações criminosas, além da realização permanente de políticas sociais.

A imprensa registra opiniões favoráveis das populações dos bairros nos quais as UPPs estão funcionando. Observamos faces cansadas por sofrimentos, “balas perdidas”, brutalidade policial e crueldade de traficantes e de milicianos. Pessoas que, na fugacidade de uma reportagem ou de uma festa natalina, expressam alegria e apreensão. Qual será a amplitude do “sentimento de paz”?

O sociólogo Renato Lima indica com precisão: “Pela capacidade de criar expectativas positivas na população e levar cidadania a territórios antes dominados pelo crime e pelo medo, de fato, as UPPs conseguiram inverter a tendência da população brasileira de achar que não há soluções no campo da segurança pública. A conquista de território e o inédito esforço integrado entre polícias estaduais, federais, Forças Armadas e entre os poderes Executivo e Judiciário são os principais diferenciais a serem considerados. Há, sim, perspectivas de futuro. Contudo, para pensar esse futuro, friso que segurança pública é um problema de gestão e de política” (Renato Lima, Edição Especial de Final de Ano 2010 da Revista Carta Capital).

A sociedade brasileira está em condições de construir um novo imaginário sobre o controle social, informal e formal, significando uma Segurança Cidadã. Em outras palavras, uma forma de convivência social orientada pela tolerância, pela proteção social e pela eficiência policial frente ao crime – e que, ao mesmo tempo, assegure a punição dos atos delitivos e possibilite a ressocialização daqueles que cometeram crimes, bem como o respeito ao direito das vítimas.

Para pacificar a sociedade, torna-se importante construir, duradouramente, modos de governamentalidade para outro patamar da civilidade, com um Estado de Bem-Estar Social de novo tipo. Vislumbra-se, pelo menos, passagens para a esperança da paz, às margens da bela Baía da Guanabara, cujas águas oscilam, turvas e luminosas.

*Professor titular de Sociologia da UFRGS, pesquisador do CNPq

A globalização informal

Made in China

Questões históricas e econômicas alternam-se em um comércio internacional cujo fim está distante

Jaqueline Crestani*

O Papai Noel de grande parte dos brasileiros tem olhos puxados e fala mandarim. A começar pela decoração dos lares: as guirlandas; os pinheirinhos, suas bolas e sinetas; as luzinhas coloridas ou não, piscantes ou não – mas sempre consumindo energia –; e até o já de fato velho bonequinho vestido de vermelho que, alimentado por pilhas, canta, dança e sapateia e há 20 anos é atração da data. Não paremos por aí: o tal do bom velhinho que não esquece de ninguém traz presentes não só do Polo Norte, não. Em muitos casos – como de roupas, brinquedos, relógios, óculos, eletroeletrônicos e bugigangas em geral –, os regalos vêm da China.

Segundo especialistas, principalmente na produção de bens de baixo custo e, sejamos sinceros, às vezes não de muita serventia, é inevitável que hoje muitos itens comprados por aqui sejam chineses. De acordo com instituições econômicas, as importações China-Brasil cresceram vertiginosamente nos últimos anos. No entanto, os dados oficiais são relativos aos produtos que chegam aqui graças à globalização hegemônica, e não à informal, isto é, eles não abrangem os que entram no país por vias escusas (e que não são poucos).

De acordo com a antropóloga Rosana Pinheiro Machado, autora da premiada tese *Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil*, a rota desses itens, desde o sul do país asiático até a porção meridional das Américas, comprova que a informalidade é transnacional: “Eles são fabricados na China, em fábricas às vezes legalizadas, vão para as distribuidoras e são importadas pelos imigrantes chineses que estão em Ciudad del Este, no Paraguai. Como o controle de entrada é feito por amostragem de 1% dos containers, esses produtos acabam entrando ‘legalmente’ no país e só vão acabar-se tornando problema quando cruzam a Ponte da Amizade em direção ao Brasil, como contrabando”, explica.

História – Uma série de fatores históricos levou os três países a se envolverem neste fluxo informal e globalizado de bens. Com a abertura econômica em 1979, a China copiou o modelo de industrialização de Taiwan (que, por sua vez, havia “pirateado” o sistema do Japão) e investiu nas Zonas Econômicas Especiais. Essas áreas tinham condições perfeitas para a exportação, como no caso do sul, que há pelo menos três séculos já era uma zona portuária de grande expressão. “Aconteceu, então, que muitos taiwaneses, que tinham um vínculo com essa província chinesa chamada Cantão, voltaram e abriram fábricas, assim como muitos chineses. Enquanto outra parte da população emigrou internacionalmente com o intuito de comercializar os produtos que seriam produzidos pela sua rede”, conta Rosana, hoje professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing.

Segundo ela, as empresas que surgiram na China nessas circunstâncias

não poderiam ser outras que não de bugigangas e piratarias. Esse é o primeiro modelo de crescimento econômico, pois não exige planejamento, sendo uma produção de massa baseada principalmente na cópia. Contudo, a pesquisadora afirma que outro fator também influenciou nessa questão: “Naquele país sempre existiu a cultura da imitação, porque desde o século XIX o Estado incentivou a produção nacional em detrimento das exportações. Isso fez com que se desenvolvesse ali um maquinário e uma cultura de produzir cópias com uma visão positiva, ainda que informal”.

Luiz Augusto Estrella Faria, professor da graduação e da pós em Ciências Econômicas e em Relações Internacionais, destaca que, em função dos anos do regime comunista, a China ficou de fora do sistema das Nações Unidas, e por isso a sua tradição de compromisso internacional é muito pequena. “Mesmo o Japão, que está no sistema desde a II Guerra Mundial, roubou segredos industriais durante muito tempo. A visão dos países asiáticos sobre patentes, royalties e direito de propriedade é muito relativa, apesar de que isto tende a mudar”, diz.

Já o nosso vizinho Paraguai – que durante muito tempo levou a fama pela pirataria toda – é, na verdade, um mediador que “facilita” a chegada dos itens chineses a outros países da América do Sul. A nação de regras um tanto quanto frouxas manteve relações com Taiwan e, posteriormente, estreitou-as com a China, assim que a Ponte da Amizade tornou-se um caminho aberto para o comércio ilegal. “Ali, durante os anos 80 e 90, formou-se uma das maiores fronteiras internacionais de comercialização de muamba e piratas do mundo, se não a maior”, revela Rosana.

O Brasil, por sua vez, entra na roda quando começa a abrir-se economicamente e, com o neoliberalismo, a informalidade explode. Em meados da década de 80, os camelôs começam a ir ao Paraguai comprar mercadorias, e aí não tem mais volta: surgem os primeiros “sacoleiros”, que na década seguinte

passam a viver dessa atividade, completando a cadeia.

Videocassetes, aparelhos de som, videogames e uma lista de produtos tornaram-se, durante esse período, acessíveis a uma parcela da população brasileira que não tinha condições de pagar o preço estabelecido pelo mercado formal. “Por muitos anos, esses profissionais informais foram responsáveis por democratizar uma série de bens antes restrita a uma elite, desde utensílios básicos de casa até tecnologias de última geração”, destaca a antropóloga. Apesar de o cenário atual ser de mudança, em alguns pontos esse quadro não se alterou: basta pensar em celulares, tocadores MP3, câmeras digitais. A diferença é que os preços já não são mais tão baixos, e os vendedores, em sua grande maioria, não estão mais em banquinhas nas ruas, mas, sim, em pontos fixos de comércio “legalizado”.

Economia – Quando se fala nesse assunto um tanto polêmico por estas bandas, foca-se em mostrar estatísticas de um suposto grande prejuízo econômico para o país (“perdemos tanto por ano em arrecadação e mais tantos postos de empregos”) e atribuir às pessoas envolvidas um caráter mafioso. “Nunca houve comprovação de que a pirataria é vinculada ao crime organizado, e os dados são todos fantasiosos. O governo faz campanhas para defender interesses privados, mas a discussão deveria ser outra: a da democratização dos bens, do preço estabelecido pela indústria”, defende a professora.

Segundo Faria, da economia informal existente no país – que representaria entre 30 e 40% do PIB –, uma pequena parte é composta por esse tipo de comércio, o que não seria o nosso maior problema. “Entre as atividades que não recolhem impostos, estão produtores rurais, pequenos fabricantes, prestadores de serviço e também comerciantes. São ocupações com uma pró-atividade tão baixa que não aguentariam a carga tributária. É preciso que se consolide a possibilidade da contribuição mínima;

assim, o governo poderia fiscalizar o que realmente representa perigo para a sociedade”, e completa: “O Brasil tem um déficit de fiscalização de fronteiras muito grande. É necessário um forte investimento, porque onde há o contrabando inocente de brinquedos chineses existe também o de armas e drogas”.

Para o Paraguai, o tema também é delicado: o comércio é o segundo setor mais importante da economia do país, que depende dessa receita para sobreviver. No entanto, os ventos por lá estão mudando de direção e, consequentemente, alterando a trajetória das bugigangas: “A tendência é que a rota transfira-se para São Paulo, que a Rua 25 de Março torne-se a nova Ciudad del Este. As mercadorias entram pelo Porto de Santos em containers ‘legais’. Foi construída uma aduana imensa que está dificultando a vida dos vendedores em Foz”, comenta Rosana. E, com este novo cenário, o crime de contrabando deixa de existir.

Segundo os dois pesquisadores, é provável também que a origem de pelo menos parte dessas mercadorias também se modifique nos próximos tempos, em função da entrada da China em organizações internacionais e da instalação de grandes fábricas ocidentais no país. Rosana destaca que a nação asiática já está começando a coibir esse tipo de produção e os fatores nela envolvidos. “O Estado chinês está passando por uma verdadeira revolução trabalhista. Claro que esse processo é lento, mas os produtos já ficaram um pouco mais caros”, alerta. Assim como a antropóloga, o professor Faria afirma que, embora mudem o local de produção e o caminho até aqui, esse comércio informal e globalizado não deixará de existir tão cedo. “Talvez a produtora venha a ser a Índia ou o Vietnã. O mercado irá se adaptar. O que vai acontecer é que o capitalista formal vai ser disciplinado pelo informal, vai ter que se dar conta de que tem concorrência”, finaliza o economista.

*Jornalista graduada pela Fabico

De Porto Alegre para o Cantão: pesquisa buscou origem das mercadorias

A antropóloga Rosana Pinheiro Machado recebeu, em outubro do último ano, o prêmio de Melhor Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Seu trabalho *Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil*, orientado pelo professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) Ruben Oliven, vai virar livro.

Fazendo o caminho inverso do comércio informal internacionalizado, Rosana começou a pesquisar o assunto em Porto Alegre quando estava na graduação de Antropologia e recebeu uma bolsa de Iniciação Científica.

Depois de um longo trabalho de etnografia no mestrado, a pesquisadora passou a acompanhar os ambulantes até o Paraguai.

Já no doutorado, decidiu ir até a origem da produção: “Consegui um financiamento da Fundação Wenner Gren e morei no Paraguai para estudar a comunidade chinesa de lá, em 2006. No ano seguinte, fui ao sul da China conhecer as fábricas de onde vêm as bugigangas e piratarias”, afirma.



As mercadorias chinesas, que inundam locais como o camelódromo de Porto Alegre, democratizaram o acesso a bens antes restritos a uma elite



Aula no verão

Sem folga

Por que alguns estudantes optam por cursar disciplinas nas férias

Depois de um semestre inteiro assistindo a aulas, os alunos da UFRGS têm a oportunidade de deixar livros e cadernos de lado e aproveitar suas férias da Universidade. Porém, alguns estudantes resolvem enfrentar o calor do verão porto-alegrense e cursar disciplinas nos meses de janeiro e fevereiro.

Trata-se do PLES, o Período Letivo Especial, que possibilita que as atividades de ensino na Universidade continuem mesmo no recesso dos dois períodos letivos regulares do ano. A intenção é flexibilizar o currículo do aluno: ele pode ou recuperar as atividades de um semestre anterior ou adiantar uma cadeira de uma etapa futura.

Para criar uma disciplina no PLES, os departamentos devem enviar um pedido à Câmara de Graduação (Camgrad), apresentando o motivo para ela ser oferecida em período especial e uma lista com os nomes dos alunos interessados em se matricular. O órgão é o responsável por autorizar – ou não – as solicitações. Para isso, faz uma análise do mérito: se o conteúdo da cadeira pode ser visto de modo concentrado ou se é preciso mais tempo, entre outras questões.

O presidente da Camgrad, Celso Loureiro Chaves, garante que o PLES “não é uma atividade no vazio; ele é proposto já tendo a garantia da procura”. Segundo ele, a justificativa de essa possibilidade existir é otimizar os recursos da Universidade no período de recesso.

Conforme levantamento feito pela Camgrad, o número de solicitações se manteve constante ao longo dos últimos anos. O baixo índice de pedidos evidencia que este é um recurso pouco utilizado: desde 1996, são cerca de 25, apenas – quase sempre no verão, uma vez que o recesso de inverno é mais curto, e a implantação do PLES se torna mais difícil. Os pedidos se concentram em poucas unidades: os institutos de Geociências, de Biociências, de Ciências Básicas da Saúde e de Letras, a Faculdade de Ciências Econômicas e a Escola de Enfermagem. O Instituto de Geociências foi o que mais solicitou oferecimento de disciplinas em período letivo especial, seguido da Faculdade de Ciências Econômicas.

Pioneiros – A Escola de Enfermagem é a novidade nessa lista. No verão de 2011, uma das disciplinas oferecidas no PLES foi a Unidade de Promoção e Educação da Saúde IV, do curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde. O cronograma estabelecia que ela seria ministrada em doze noites – o curso é noturno – entre os dias 4 e 25 de janeiro. Isso porque a norma da Universidade que regulamenta o PLES estabelece que ele deve ter duração mínima de quatro semanas.

Ser pioneiro não é exatamente uma novidade para os envolvidos com o curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde. Oferecido pela UFRGS desde 2009, ele está organizado em unidades, não em cadeiras. As duas diferenças fundamentais são que as unidades têm mais de um professor e que eles buscam uma aproximação com o que está sendo estudado pelos alunos em todo o curso, e não apenas na disciplina que eles estão ministrando. A ideia é fazer com que os conteúdos sejam transversais e que cada unidade comporte mais de um campo.

Essa unidade, a de Promoção e Educação da Saúde IV, por exemplo, teve quatro professores, mesmo no verão: Cristianne Rocha, Izabella Barison, Marilise Mesquita e Stela Meneghel. De acordo com Cristianne, a estrutura do curso constitui um jeito diferente de pensar a universidade. “É outra dinâmica, outra racionalidade, e essa proposta se aproxima da ideia original da formação do ensino superior: a da universalidade do conhecimento”, diz.

Proximidade – Sobre as vantagens de a disciplina ser oferecida no PLES, Cristianne aponta o fato de os alunos discutirem a mesma temática diariamente. “Em vez de ‘lembra do texto da semana passada?’, o estudante fala ‘lembra o texto de ontem?’”, brinca Cristianne. Em resumo, o conhecimento fica mais próximo. Entre os problemas, o maior é a perda da interação com as outras unidades, uma vez que a disciplina no PLES não se desenvolve paralelamente a elas, ao contrário do período letivo regular.

A ideia de oferecer uma disciplina no PLES partiu dos professores. Houve discussão entre os alunos e foi feito um levantamento com estudantes de todos os semestres para saber qual unidade teria maior demanda. De três projetos apresentados, apenas a Promoção e Educação da Saúde IV acabou sendo disponibilizada. O número de interessados foi pequeno; somente 15 alunos assinaram a solicitação do PLES para cursar essa unidade no verão. Desses, 10 efetivamente se matricularam.



FLAVIO DUTRA/JU

“O curso é a chance de adiantar uma cadeira, já que não vou à praia. Com uma noite livre durante o semestre, poderei ficar com minha filha e meu marido”

Fernanda Bueno

Adiantando disciplinas

O fato de o curso ser noturno acaba atraindo muitas pessoas que já são formadas e trabalham durante o dia. Na primeira turma, de 2009/1, dos 30 alunos que ingressaram, 22 estavam em sua segunda graduação. Estudantes com esse perfil são mais propensos a aceitar a ideia de se dedicar à universidade mesmo no verão, ao passo que alunos recém-egressos do ensino médio se acostumaram durante toda a vida com férias escolares de dois meses.

Enquanto se esforçavam para acertar a temperatura do ar-condicionado, os alunos conversaram com o JU sobre a experiência do PLES. “Vejo só vantagens”, diz o aluno Valdir

Moreira. “Primeiro, se aproveita um tempo que, em tese, os estudantes têm disponível. Segundo, estamos adiantando uma unidade, e isso pode representar, mais adiante, o término antecipado do curso, e o semestre terá um dia livre para que possamos nos dedicar às atividades das outras unidades. Terceiro, o fato de concentrar uma única unidade durante esse período faz com que se aproveite melhor o conteúdo.”

Além disso, evita-se o que ele considera um desperdício: as instalações da UFRGS ficarem dois meses paradas e sem uso para atividades de ensino. Valdir conta que algumas pessoas de fora da Universidade estranham quando

ele fala que está cursando uma disciplina no verão, mas, ao explicar os motivos, compreendem e acham uma boa ideia.

Dos dez alunos matriculados, todos estavam trabalhando enquanto faziam o PLES. O raciocínio é o seguinte: já que é preciso ficar em Porto Alegre de qualquer maneira, por conta do trabalho, não há por que não adiantar uma cadeira. Respondendo se não incomoda ficar sem férias, a aluna Solange de Souza diz: “Acho que o que incomoda é ficar dois meses sem aula”.

João Flores da Cunha, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

Dois pontos

VERBOS ABUNDANTES

Nossa tendência é sempre esperar da língua certas estruturas e formas fixas, obedientes, com as quais podemos exercer à larga as nossas necessidades de linguagem. Obviamente, tudo pela boa compreensão e pelo sucesso das nossas intenções. Mas a língua não se acomoda em facilidades e, dado o seu caráter produtivo, apresenta extravagâncias – que podem nos deixar incertos e inseguros. Temos, assim, o particípio de alguns verbos ditos abundantes, que apresentam duas formas de flexão: uma regular, outra compacta.

É o caso de ganhar/ganhado, pego/pegado, morto/matado, gasto/gastado, etc.

Estes, para certo consolo do leitor, não passam de 0,2% do total de verbos da nossa língua.

Vejamos:

a) as formas regulares, longas, com as terminações -ado e -ido, são usadas com **ter** ou **haver** nas composições verbais na voz ativa:

Ernesto havia gastado todas as economias no casamento. (= E. gastou todas as econ. no cas.)

O assassino tinha matado o presidente. (= O assass. matara o pres.)

Tenho aceitado as suas desculpas. (= Eu [com frequência] aceito as suas desc.)

Se o sujeito é aquele que pratica a ação verbal (nos casos, de gastar, matar, aceitar), estamos utilizando a voz ativa.

b) as formas irregulares, compactas, reduzidas, são usadas na voz passiva com **ser** ou **estar**:

O dinheiro do prêmio foi gasto em um ano. (= Alguém gastou o dinheiro.)

O assassino de J. Kennedy foi morto na prisão. (= Alguém matou o presidente.)

O trabalho foi aceito pelo professor. (O professor aceitou o trabalho.)

A roupa já estava seca.

O rei estava morto. (Nesses casos de verbos intransitivos – sem complementos –, tanto a *roupa* quanto o *rei* não praticam a ação verbal.)

Se o sujeito não pratica a ação verbal, diz-se sujeito da (voz) passiva, por conseguinte, estamos utilizando a voz passiva.

• Nos verbos trazer, chegar e empregar, apenas o particípio regular é aceito: trazido, chegado e empregado. As formas trago, chego e empregue não são, portanto, aceitáveis: Ele tinha chegado cedo. [E não: Ele tinha chego cedo.] / O presente foi trazido por mim. [E não: O presente foi trago por mim.]

• As formas regulares: abrido, cobrido, escrito, ganhado, gastado e pagado são evitadas na língua culta. Prefiram-se: aberto, coberto, escrito, ganho, gasto e pago, com qualquer auxiliar.

• O verbo vir tem como particípio vindo, a mesma forma de seu gerúndio. Também seus derivados: advindo, intervindo, provindo, sobrevindo.

• A forma irregular varia em gênero e número. A regular fica invariável.

- Os assassinos tinham matado o presidente.
- Os naufragos estavam salvos.
- Os documentos foram entregues por ele.

Fontes: <http://recantodasletras.uol.com.br/gramatica/1486109>, Guia prático do português correto, vol. 2, de Cláudio Moreno, I&PM, 2008.

Antônio Falcetta

antonio.falcetta@secom.ufrgs.br



Foco na diplomacia cultural

Internacionalização

Representantes de mais de 40 universidades brasileiras e europeias debateram a mobilidade acadêmica

Jacira Cabral da Silveira

A UFRGS sediou, de 25 a 27 de novembro, o II Seminário Internacional: Razões da Internacionalização da Educação Superior e a III Assembleia Geral do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). Para o reitor Carlos Alexandre Netto, presidente do GCUG, o objetivo do Seminário foi plenamente atingido, devido à grande participação dos membros, que contou ainda com a presença de representantes de universidades integrantes do Coimbra Group europeu. “Quanto mais cosmopolitas os cidadãos que nós formamos, e quanto mais ampla seja sua visão de mundo, mais poderão contribuir para uma cultura de paz e de tolerância”, resume o dirigente.

Dorothy Kelly, presidente do Coimbra Group, destacou em sua palestra a nova perspectiva de internacionalização, conforme a qual o câmpus universitário torna-se necessariamente mais permeável e dá maior visibilidade às culturas que nele circulam, proporcionando um ambiente acadêmico internacional para todos os que passam a integrar a comunidade universitária. “Os estudantes formam-se num entorno muito mais aberto, multilíngue, que os ajuda a compreender que vivemos em um mundo complexo e que vai muito mais além da diversidade local.”

“É uma evolução que ocorre no mundo todo”, assegura Fernando Seabra Costa, reitor da Universidade de Coimbra, instituição inspiradora do grupo brasileiro. De acordo com o reitor, o modelo de mobilidade acadêmica de redes, como as participantes do Seminário, deve estimular uma agenda de diplomacia cultural “que permita às universidades relacionarem-se entre si, lançando projetos de interesse comunitário e social que venham complementar a diplomacia política, indo mais longe até”.

República brasileira – A UFRGS participa especialmente do Programa de Licenciatura Internacional (PLI), que resulta de acordo com a Universidade de Coimbra e conta com o apoio do MEC e da Capes para a mobilidade de estudantes dos cursos de licenciatura. De acordo com a secretária do grupo, Rossana Valério de Souza e Silva, podem participar do programa, preferencial-

mente, estudantes oriundos de ensino médio realizado em escolas públicas. Essa preferência busca proporcionar a experiência de intercâmbio internacional a jovens que, por falta de condições financeiras, não poderiam realizá-la. “Mas o mérito acadêmico também é considerado”, ressalta Rossana.

Quando a Capes lançou o edital do PLI no meio do ano passado para selecionar 30 projetos – todos de universidades diferentes –, a UFRGS foi uma das aprovadas, contemplando quatro alunos do curso de Educação Física, dois da Matemática e um da Letras. Pelo critério da financiadora, os candidatos deveriam ter ingressado no ensino superior nos períodos 2009/1 e 2009/2, além dos requisitos já mencionados. O PLI tem a duração de dois anos, ao final dos quais os estudantes retornarão ao Brasil para concluir o curso, tendo direito à dupla diplomação.

“Os nossos foram os primeiros a chegar”, relata a coordenadora da Comissão de Graduação do Curso de Educação Física, Lisiane Torres e Cardoso, uma das professoras integrantes do programa. Assim como ela, os demais docentes designados para o PLI terão a missão de acompanhar os estudantes durante todo o tempo em que estiverem em Coimbra, cabendo a cada um deles, com estadia máxima de 30 dias, prestar apoio e avaliar o andamento do programa. Ao final do curso, que deverá ser realizado no Brasil, os estudantes terão dupla diplomação e poderão trabalhar tanto em Portugal quando no mercado brasileiro.

Segundo Lisiane, a primeira tarefa do grupo, logo ao chegar em Coimbra, foi procurar a Divisão de Relações Internacionais para receber as orientações necessárias, pois deveria providenciar o quanto antes um lugar onde morar. “Tiveram muita sorte”, comenta, “conseguiram uma casa de dois pisos com oito quartos, três banheiro e duas cozinhas.” Como a moradia fica próxima à Universidade, a maioria almoça e janta no restaurante universitário ou cozinha em casa. Por ser uma cidade universitária, o custo de vida em Coimbra não é muito alto, o que facilita o gerenciamento de uma bolsa no valor de 600 euros, o equivalente a cerca de 1.300 reais, com os quais eles precisam pagar aluguel e custear alimentação, transporte, etc.



Encontro do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras foi presidido pelo reitor Carlos Alexandre Netto

Experiência única

Os sete alunos da UFRGS que foram selecionados para o Programa de Licenciatura Internacional na Universidade de Coimbra falam da importância de participar do intercâmbio:

Paula Soares Francisco/Educação Física – 21 anos

Sinto-me feliz em participar desse programa, pois visa à melhoria do ensino no Brasil, dando oportunidade aos estudantes de escolas públicas de ter uma formação superior na Europa. Além de estarmos vivendo uma grande experiência, saímos daqui com dupla diplomação, fator importante para o nosso futuro. Espero que o PLI promova a participação de muitos graduandos advindos de escolas públicas.

Anelise Sandri/Educação Física – 22 anos

Me sinto muito horada de participar desse projeto, que dá aos graduandos vindos de escola pública uma oportunidade única de estudar e de ter uma dupla diplomação na Europa, mais precisamente numa universidade tão conceituada quanto a de Coimbra. Apesar de termos enfrentado alguns problemas no início – o que se justifica pelo fato de sermos o primeiro grupo a participar desse programa –, tenho certeza de que todos aqui estão tirando boas lições de vida e aproveitando ao máximo a licenciatura daqui, que é tão diferente da do Brasil e vem para acrescentar ainda mais ao nosso currículo.

Márcio Cesar/Educação Física – 19 anos

A experiência de vida e o grande valor acadêmico que tem estudar fora do país.

Rogério Bonorino/Educação Física – 21 anos

Esse programa simboliza a realização de muitos sonhos através de um único caminho. Estudar, viajar e conhecer pessoas de nacionalidades diferentes permite dar continuidade à minha busca de enriquecimento cultural, de qualificação profissional e de experiências de vida que farão parte da minha história pessoal e serão úteis para o futuro.

Maikon Machado Toledo/Matemática – 20 anos

É uma experiência que transforma definitivamente nossa vida. É mais do que simplesmente viajar para outro país para estudar, fazer novos amigos e conhecer lugares legais. É conhecer outras pessoas com culturas diferentes. É aprender a ser mais flexível e tolerante. É aprender a conviver com o novo, afinal, estou em outro país e tenho de me adaptar a ele, e não o contrário. Penso que essa é a principal lição de vida que levarei desse programa.

Luciane Führ/Matemática – 21 anos

Os mais de três meses que estamos em Coimbra contribuíram muito para meu amadurecimento pessoal. O fato de dividir a moradia com outras pessoas, de vivenciar uma cultura diferente, ter a possibilidade de conhecer novos lugares, a História por trás de cada monumento, cidade e até mesmo da própria Universidade de Coimbra são algumas das vantagens que o PLI proporciona. Na minha vida, o Programa está sendo de uma importância máxima, pois é algo totalmente novo, e posso dizer que é a realização de um sonho. É a chance de crescer na vida pessoal e me aperfeiçoar profissionalmente, o que com certeza fará toda a diferença no meu futuro.

Roberto Soares/Letras – 25 anos

Para mim, muito além da capacitação profissional, participar desse programa é importante porque me permite conhecer e conviver com as formas de organização e de luta que os europeus têm desenvolvido para combater o capitalismo nesse período de crise.

Rede brasileira

O Grupo Coimbra do Brasil reúne 50 universidades e a Universidade de Coimbra e foi criado no final de 2008 com a missão de promover a integração interinstitucional e internacional, desenvolvendo programas de mobilidade docente e discente. As instituições que integram a rede foram convidadas a partir de critérios como o bom desenvolvimento na pós-graduação e indicadores de internacionalização (número de programas de cooperação internacional, de acordos de cooperação internacional, estudantes em mobilidade institucional, etc.). Com apenas dois anos de criação, o GCUB conta com alguns programas: parceria com a Agência Universidades da Francofonia (AUF), que distribui bolsas de doutorado sanduíche nas Américas (Sul, Norte e Central); acordos de cooperação com a Associação Nacional de Universidades do México, a Associação Acadêmica da Universidade Internacional (AAUI), em Lisboa, a Comissão Nacional de Avaliação e Acreditação Universitária (Coneau), na Argentina, e a Universidade de Coimbra, de Portugal.

Especial

Incolor, insípida e inodora

Captação e tratamento

Os processos porto-alegrenses para o consumo do bem essencial à vida

TEXTO **CAROLINE DA SILVA**

COLABOROU **JAQUELINE CRESTANI**

FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

Uma novidade do ano de 2011 afeta diretamente os porto-alegrenses no que tange ao bem essencial à vida: a água. A Região Hidrográfica do Guaíba será o piloto do Plano Estadual de Recursos Hídricos (PERH), que objetiva, além da implantação da Agência de Águas da Região Hidrográfica do Guaíba, a cobrança do uso da água bruta. Os valores deverão estar definidos até junho, por categoria de usuário, para a cobrança começar em outubro. A ideia é que os recursos arrecadados sejam aplicados em ações prioritárias da área. Mas como está a captação e o tratamento da água em Porto Alegre neste momento, antes de a nova taxa entrar em vigor?

Papel da UFRGS – “A Universidade não tem atribuição de fazer a verificação da qualidade da água potável. Em Porto Alegre, essa responsabilidade é do Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE). A qualidade da água potável deve atender aos padrões estabelecidos pela Portaria N.º 518, de 25 de março de 2004, do Ministério da Saúde. Esse documento estabelece os procedimentos e as responsabilidades relativos ao controle e à vigilância da qualidade da água para consumo humano e ao seu padrão de potabilidade”, esclarecem os professores de Engenharia de Tratamento de Água e Esgotos do Instituto de Pesquisas Hidráulicas Antonio Benetti e Carmen Castro. A fiscalização do atendimento ao padrão de potabilidade é atribuição das Secretarias de Vigilância Sanitária Estadual e Municipal.

Conforme os docentes, o IPH tem realizado vários estudos nas áreas de tratamento de água de abastecimento público, de esgotos sanitários, de drenagem urbana, de resíduos sólidos e de efluentes industriais. As pesquisas se desenvolvem em colaboração com o DMAE, a Corsan, o DMLU e o Departamento de Esgotos Pluviais (DEP). Exemplos recentes são as técnicas de tratamento para a remoção de micro-organismos e microcontaminantes orgânicos da água potável; e a análise dos impactos da urbanização nas cheias urbanas. “Neste ano, iniciaremos vários projetos na área de saneamento, apoiados pela Finep e em rede com diversas universidades brasileiras. Na área de água potável, pesquisaremos a utilização de técnicas avançadas de

tratamento (adsorção em carvão ativado granular e filtração em membranas) para a remoção de contaminantes presentes em mananciais de água de regiões metropolitanas poluídas por esgotos sanitários e industriais. Trabalhamos também com pesquisas relativas a processos simplificados de potabilização de água aplicáveis em situações de emergência devido a desastres ambientais. Atuamos em cooperação com outros institutos da UFRGS, como o Instituto de Ciências Básicas da Saúde, o Departamento de Engenharia Química, o Instituto de Química, o Centro de Ecologia e a Faculdade de Agronomia.”

O IPH também atua junto a cidades do interior na elaboração de seus Planos Municipais de Saneamento Básico e participa da Rede Nacional de Capacitação e Extensão Tecnológica em Saneamento Ambiental (ReCESA). Além disso, responde pela formação acadêmica de futuros profissionais – engenheiros civis e ambientais, mestres e doutores. “E quando se fala em formação acadêmica, não estamos nos referindo apenas à formação técnica, mas agregando a responsabilidade social e ambiental embutida nas questões relativas ao uso da água”, ressaltam os professores.

Contaminação – Na opinião dos docentes do IPH, a qualidade da água potável deve ter vigilância permanente e contínua desde o manancial até a torneira do consumidor: “A água pode sair com qualidade adequada da estação de tratamento e se contaminar na rede de distribuição e na instalação predial de água potável, se houver falhas de manutenção dos sistemas”. Segundo o professor Benetti, metais pesados constituem apenas um grupo entre uma série de contaminantes aos quais os responsáveis pela distribuição de água potável devem ter atenção continuada. A prioridade do tratamento de água é a remoção de micro-organismos patogênicos – bactérias, protozoários e vírus que causam uma série de doenças contagiosas, usualmente associadas a diarreias e gastroenterites. “Em termos mundiais, essas doenças são a principal causa de mortes entre crianças com idades inferiores a cinco anos.”

Os pesquisadores dizem que a ur-



O DMAE utiliza tecnologia de ponta para oferecer água potável de qualidade a toda a população da capital gaúcha

banização e a sociedade industrial têm introduzido no ambiente milhares de novos compostos orgânicos sintéticos, que acabam chegando aos mananciais de água. “Em muitos casos, a extensão da toxicidade desses compostos permanece desconhecida. Exemplos incluem os pesticidas e solventes orgânicos industriais. Atualmente, existe uma preocupação crescente com os compostos perturbadores endócrinos e com os resíduos farmacêuticos que acabam chegando aos mananciais de abastecimento. A introdução de nutrientes por esgotos e drenagem agrícola favorece o desenvolvimento de cianobactérias, as quais podem produzir toxinas no ambiente.” Carmen Castro e Antonio Benetti afirmam existirem tecnologias já disponíveis para a remoção desses contaminantes, além disso, as estações de tratamento deverão se ade-

quar, num futuro próximo, à adoção dessas tecnologias para oferecer água potável que atenda aos requisitos de saúde pública.

Contra-ataque – Nos meses de calor, o Guaíba fica com sua cor diferenciada e, muitas vezes, o gosto e o cheiro da água que sai da torneira são alterados. “Nós começamos a pensar no pré-tratamento em 2006, com as primeiras unidades-piloto. Testamos três tecnologias e, em 2007, já as implantamos no sistema de Distribuição de Água Tristeza”, conta Sissi Maciel Cabral, responsável pelo Serviço de Operação do Departamento Municipal de Água e Esgotos.

Nos últimos anos, as queixas decorrentes do fenômeno ocorrido no verão têm diminuído, e a técnica explica por que: “Desde 2008, utilizamos um reator químico. É uma tecnologia de

ponta. Nós temos treinamento e temos toda a segurança. É um processo caro, mas a nossa esperança é de que, com o tratamento de esgotos, eu não precise utilizar tanto o pré-tratamento. As substâncias com gosto e odor de terra, chamadas MIB ou geosmina, são orgânicas, eliminadas por esses micro-organismos que decompõem a matéria orgânica presente no Lago”.

Conforme Sissi, as causas do evento, que são a ativação da incidência do sol e da matéria orgânica que continua no Guaíba, permanecem, mas, com o uso das novas tecnologias, a população não percebe. “O tratamento é dobrado no verão. Todas as unidades funcionam praticamente em plena capacidade justamente para isso. Essa água com gosto de terra, o princípio dela é o oxigênio ativo, não tem nenhum efeito colateral”, conclui a técnica do DMAE.

Fep

O e do Dep Estadu inform qualid “mas dito, p possui absol do lag à disp Sol boleti consi ltaupã é pem das fu

Como monitorar a qualidade da água consumida em Porto Alegre

Ronda: avaliação de instituições é positiva

Empresas alimentícias, clínicas e hospitais são orientados por legislação específica a fazer análises microbiológicas periódicas da água que utilizam em seus procedimentos. A reportagem fez um levantamento para saber se a água da torneira dos porto-alegrenses tem um bom desempenho nesse quesito.

O Hospital de Pronto Socorro da capital utiliza a água fornecida pelo Departamento Municipal de Água e Esgotos e realiza as análises exigidas pelo Ministério da Saúde. A assessoria da Secretaria Municipal da Saúde, no entanto, não informou se alguma vez foram detectados problemas. O Grupo Hospitalar Conceição também faz uso da água do DMAE e realiza as análises requisitadas pelo Ministério da Saúde. Segundo o seu assessor de imprensa, nunca ocorreram irregularidades. O Hospital de Clínicas de Porto Alegre, por sua vez, é outra instituição pública que consome a água distribuída pelo Departamento e tem dois laboratórios próprios onde realizam as análises exigidas pelo Ministério. O engenheiro Jorge Giora, gerente de Engenharia e Manutenção do HCPA, afirmou que são realizadas diversas análises da qualidade da água coletada tanto em pontos fixos quanto em pontos escolhidos aleatoriamente: “[...] os quais se mostraram dentro das condições de potabilidade recomendada pelas normas”, complementa.

A Clínica Ser, de hemodiálise, empresa privada que realiza o tratamento conveniado ao SUS, utiliza a água

do DMAE. Porém, para a realização de hemodiálises, é exigido pelo Ministério da Saúde que a água passe por um procedimento específico chamado Osmose Reversa. Segundo a gerência administrativa da clínica, esse processo é realizado no próprio local e compreende a passagem por três etapas de purificação específicas para a utilização da água. De acordo com a gerência, a água é o fator mais importante da hemodiálise, e qualquer alteração na reação do paciente (como febre, etc.) é a ela atribuída.

A Vonpar, por meio de sua assessoria, informou apenas que não trabalha com a água do DMAE. A empresa atua nos segmentos de bebidas e de alimentos por meio de duas operações distintas e independentes: Vonpar Bebidas e Vonpar Alimentos (Mu-Mu, Wallerius e Neugebauer). Vonpar Bebidas é franqueada da Coca-Cola e distribuidora da Heineken Brasil no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. A empresa, que é atualmente a quarta maior fabricante do Sistema Coca-Cola no Brasil, com participação de 10% do volume total de vendas no país, não declarou a fonte da água que utiliza nos seus procedimentos e também não apresentou justificativa para não usar a água fornecida pelo Departamento Municipal.

As redes de hotéis de Porto Alegre Quality, Sheraton, Plaza e Blue Tree Towers informaram que também utilizam a água fornecida pelo DMAE. Para beber, é consumida a água mineral. Nas cozinhas dos restaurantes, a praxe é utilizar filtro.

“Sou favorável à ideia de beber água da torneira”

A Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde, por meio de seus guias alimentares, recomendam uma ingestão de água diária média de 2 litros. “Obviamente, isso vai depender da temperatura do ambiente, do nível de atividade física da pessoa. Então, se ela tiver uma atividade física um pouco mais intensa, se tiver muito calor, como agora no verão, possivelmente a necessidade vai ser maior porque as perdas também serão maiores”, observa a professora do curso de Nutrição da UFRGS Ilaine Schuch. Para as crianças, orienta-se beber em torno de 1,5 litro – com exceção da criança que é amamentada no seio, porque tudo o que ela precisa já está no leite materno. A docente e a nutricionista responsável técnica pelo Laboratório de Avaliação Nutricional (LAN), Mariana Dihl, diz que, mesmo com os recentes dias quentes, não deve ser oferecida água aos nenéns, que podem ser contaminados com o líquido.

Conforme as profissionais, em princípio, a água potável é aquela da torneira, tratada pelos órgãos públicos – que progrediram muito na sua avaliação nas últimas décadas. É uma forma de se ter certeza de que questões como acidez e pH estão observadas. “Ela é tratada, portanto pode ser consumida com segurança”, desde que haja a manutenção da limpeza das redes e dos reservatórios de água. “Enquanto profissional da

Saúde, sou favorável à ideia de beber água da torneira. Não é necessário usar água mineral, achando que se está fazendo um bem maior à própria saúde. Não, definitivamente, pra saúde da população não. Inclusive estaremos contribuindo mais com o planeta se abrimos mão de consumir água engarrafada.” Ilaine se refere à quantidade de plástico que tem sido depositada na natureza em função disso, além de preocupações básicas, como de limpeza dos filtros, condições de transporte, envasilhamento, higiene assegurada pelos lacres, etc.

Quando não se sabe a procedência da água, o ideal é fervê-la. “Fervura é o melhor método pra eliminar micro-organismos”, dizem as nutricionistas. O antigo filtro de barro era eficiente para as condições de área rural, cuja demanda era eliminar sujeiras físicas.

Quanto à questão dos bebedouros em locais públicos, a responsabilidade da manutenção do equipamento é das autoridades. O mesmo vale para as escolas. “O ideal seria utilizá-los somente para abastecer vasilhas individuais”, comenta a professora. Ela também diz que estabelecimentos de educação infantil e creches são espaços importantes de educação para a saúde: “[...] para melhorar o consumo da água, porque em geral a população toma muito pouca água. Sem água, não tem vida”.

Ao mesmo tempo em que a água é fonte de vida, ela pode ser o vetor para várias doenças. É o caso da giárdia, febre tifoide, hepatite infecciosa, cólera, toxoplasmose. E, de forma indireta, está associada à transmissão de áscaris, teníase, dengue, esquistossomose etc. “Se você consumir água contaminada, essa contaminação pode estar acontecendo por vários motivos, de várias formas, especialmente por alguns micro-organismos – bactérias, protozoários. A diarreia é um sintoma de uma infecção no sistema digestivo e pode estar ligada à contaminação bacteriana ou por vírus”, explica a professora Ilaine.

As nutricionistas alertam para a importância de se manterem hábitos de higiene. “Em idosos e crianças, essa situação de diarreia ou vômito exige um cuidado maior; pode levar a óbito. O sistema imunológico não reage da mesma forma, então é mais perigoso”, ressaltam as profissionais.

No caso específico da contaminação por metais pesados, os efeitos são cumulativos e podem causar doenças crônicas, como alguns tipos de câncer. “Tudo dependerá do tipo de metal que você vai encontrar – cada metal vai oferecer um determinado risco. É difícil acompanhar a qualidade da água em relação a metais pesados; são análises mais custosas, que não são feitas rotineiramente”, comenta a docente.

Pisa, de olho nos esgotos

Segundo os professores do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS, haverá um avanço no que diz respeito ao tratamento de esgotos da cidade de Porto Alegre, diminuindo a carga de poluição no Guaíba. “No entanto, as cidades da região metropolitana e da bacia hidrográfica permanecerão sem tratar a maioria de seus esgotos, e o Guaíba continuará a sofrer as consequências dessa poluição.”

O Programa Integrado Socioambiental (Pisa), promovido pela prefeitura da capital, tem como meta chegar a dezembro de 2012 com 77% do esgoto porto-alegrense tratado. Hoje, apenas 27% do esgoto cloacal recebe tratamento.

Conforme Sissi Maciel Cabral, responsável pelo Serviço de Operação do DMAE, com o Pisa, o esgoto que atualmente é lançado na Ponta da Cadeia não será mais depositado naquele local. “Ele vai ser conduzido até a elevatória, ao lado do Barra Shopping, passando o Hipódromo. Nesse ponto será construída uma estação de bombeamento de esgoto bruto, que vai levá-lo por tubulações submersas até a Serraria, onde haverá essa estação de tratamento (ET) nova.”

Do pré-tratamento à torneira

PRÉ-TRATAMENTO

É a aplicação, na água bruta, de agentes oxidantes e carvão ativado, com o objetivo de reduzir a quantidade de matéria orgânica, eliminar a larva do mexilhão dourado e reduzir o gosto e o odor oriundos de florações (desenvolvimento de algas no manancial).

CAPTAÇÃO

O DMAE capta água bruta do Lago Guaíba e, em pequena quantidade, da Represa da Lomba do Sabão (na divisa entre Porto Alegre e Viamão). A água bruta passa por um gradeamento, que retém os sólidos de maior volume, para depois ser conduzida às Estações de Tratamento de Água (ETAs).

FLOCULAÇÃO

Nas ETAs, a água recebe um coagulante primário (como sulfato de alumínio ou cloreto de polialumínio), que aglutina as partículas sólidas em suspensão – sujeiras e micro-organismos –, formando flocos.

DECANTAÇÃO

Os flocos que estavam em suspensão adquirem peso, sedimentam e se depositam no fundo do decantador.

FILTRAÇÃO

A água passa por filtros, onde são retidos os flocos menos pesados que não decantaram.

DESINFECÇÃO OU CLORAÇÃO

A adição de cloro elimina os micro-organismos patogênicos. Compreende as fases de intercloração (serve para preservar os filtros de contaminações) e pós-cloração (garante a desinfecção da água tratada).

ALCALINIZAÇÃO

A água recebe agentes alcalinizantes, que devolvem a ela a sua alcalinidade natural e o seu pH.

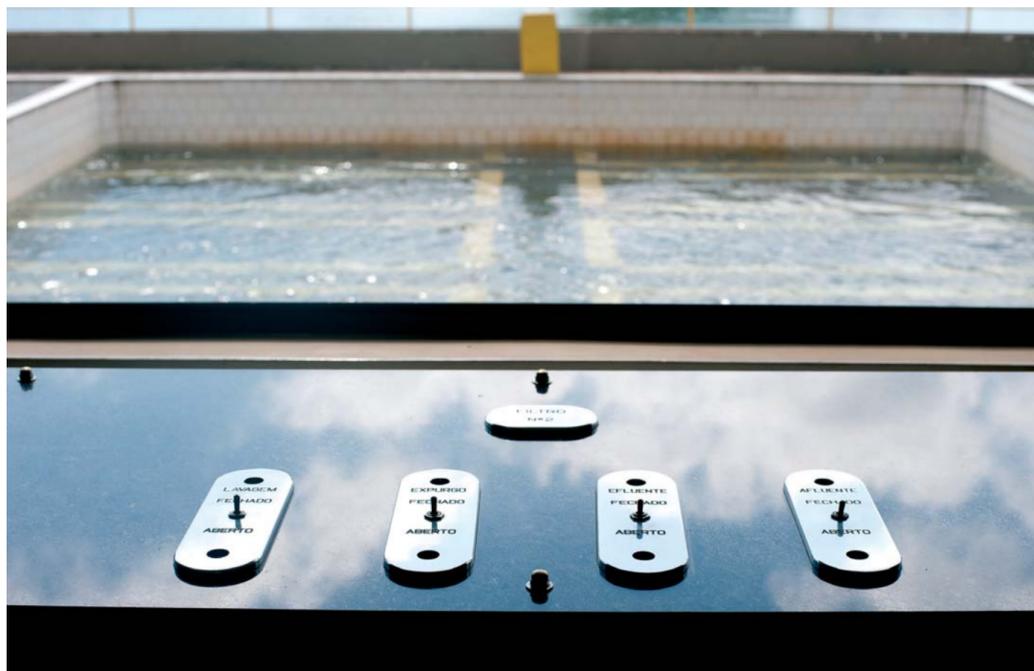
FLUORETAÇÃO

A aplicação de flúor na água tratada colabora para reduzir a incidência de cárie dentária entre crianças e adolescentes.

DISTRIBUIÇÃO

Concluído o processo de tratamento, a água é armazenada em reservatórios e depois, por meio de redes de distribuição e estações de bombeamento, é distribuída aos usuários.

Fonte: DMAE



Comandos de filtros dos decantadores da Estação de Tratamento de Água José Loureiro da Silva, do DMAE, situada no bairro Menino Deus

am
engenheiro químico Enio Henriques Leite, técnico Departamento de Qualidade Ambiental da Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler, ou que a Fepam realiza o monitoramento da qualidade das águas nos rios formadores do Lago Guaíba, não monitoramos o Lago Guaíba propriamente pois essa atividade é feita pelo DMAE-POA, que tem embarcação adequada”. Os dados brutos (valores dos resultados das análises) da Fepam para os rios formadores do Lago Guaíba (Gravataí, Sinos, Caí, Taquari-Antas e Jacuí) estão disponíveis no site www.fepam.rs.gov.br. Sobre a balneabilidade no Lago Guaíba, o primeiro relatório do Departamento de Qualidade da Fepam foi elaborado para o banho nas praias do Parque de Pedreira, Pombas e de Fora). A classificação não é permanente e pode sofrer alteração com os resultados das campanhas de conscientização.

Pioneiro da História

Carlo Ginzburg

Historiador italiano realizou a última conferência de 2010 sobre a era Google do ciclo Fronteiras do Pensamento

Conhecido mundialmente pela obra "O queijo e os vermes", publicada em 1976, o historiador italiano Carlo Ginzburg é um dos pioneiros da micro-história, método segundo o qual o estudo do contexto particular de uma pessoa ou de um grupo de pessoas – que provavelmente seriam desconsideradas em outras modalidades de abordagem histórica – pode revelar características gerais de uma sociedade.

Ginzburg pesquisou exaustivamente documentos disponíveis da Inquisição. Partindo das atas dos tribunais, reconstituiu histórias de vilarejos, personagens e suas crenças no fim da Idade Média e no início do Renascimento na Itália. Com foco nas tradições populares, sugeriu a hipótese da circularidade cultural, segundo a qual existe uma influência mútua entre cultura erudita e cultura popular.

No livro "O queijo e os vermes", ele conta a história de Menocchio, um moleiro da região do Friuli, no norte da Itália do século XVI. Menocchio era um dos poucos letrados em seu povoado; com base em uma leitura peculiar que fazia de diversos livros – tendo a influência, segundo a interpretação de Ginzburg, de tradições populares e de linhas de pensamento subversivas em relação aos dogmas católicos, que se espalhavam pela Europa –, o moleiro difundia ideias próprias, inclusive sobre a criação do mundo. Este teria se originado de uma massa disforme, assim como o queijo vem do leite, e no qual surgem os vermes, e estes foram os anjos – e entre esses anjos estava Deus. Em 1599, Menocchio acabou condenado à fogueira.

No dia 29 de novembro, Carlo Ginzburg veio a Porto Alegre para realizar a última conferência do ano de 2010 do ciclo de palestras Fronteiras do Pensamento, cujo tema foi a Internet como fonte de informação. Horas antes, ele concedeu uma entrevista ao Jornal da Universidade.

JU – Como foi o início dos estudos em micro-história?

Carlo Ginzburg – Havia um grupo de historiadores italianos trabalhando na revista *Quaderni Storici*. Quando ingressei no conselho editorial, eu já havia publicado meu livro "O queijo e os vermes" e alguém disse: "Este é um exemplo bem-sucedido de micro-história". Mas, na verdade, isso foi antes da micro-história. O termo surgiu poucos anos depois. Houve uma espontânea convergência entre historiadores italianos mais ou menos da mesma geração, trabalhando em diferentes tópicos, com diferentes orientações, mas tendo um diálogo. E daí surgiu o termo.

JU – Quais os motivos para o surgimento da micro-história no contexto dos estudos historiográficos?

Carlo Ginzburg – Há diferentes maneiras de se olhar para esse fenômeno. Por um lado, houve certamente uma reação contra o paradigma dominante, que estava associado aos *Annales* [escola de historiadores franceses]. Na minha visão, foi muito importante o diálogo intelectual entre historiadores e antropólogos ocorrido nos anos 1970. Sem esse diálogo, eu acho que o que nós chamamos de

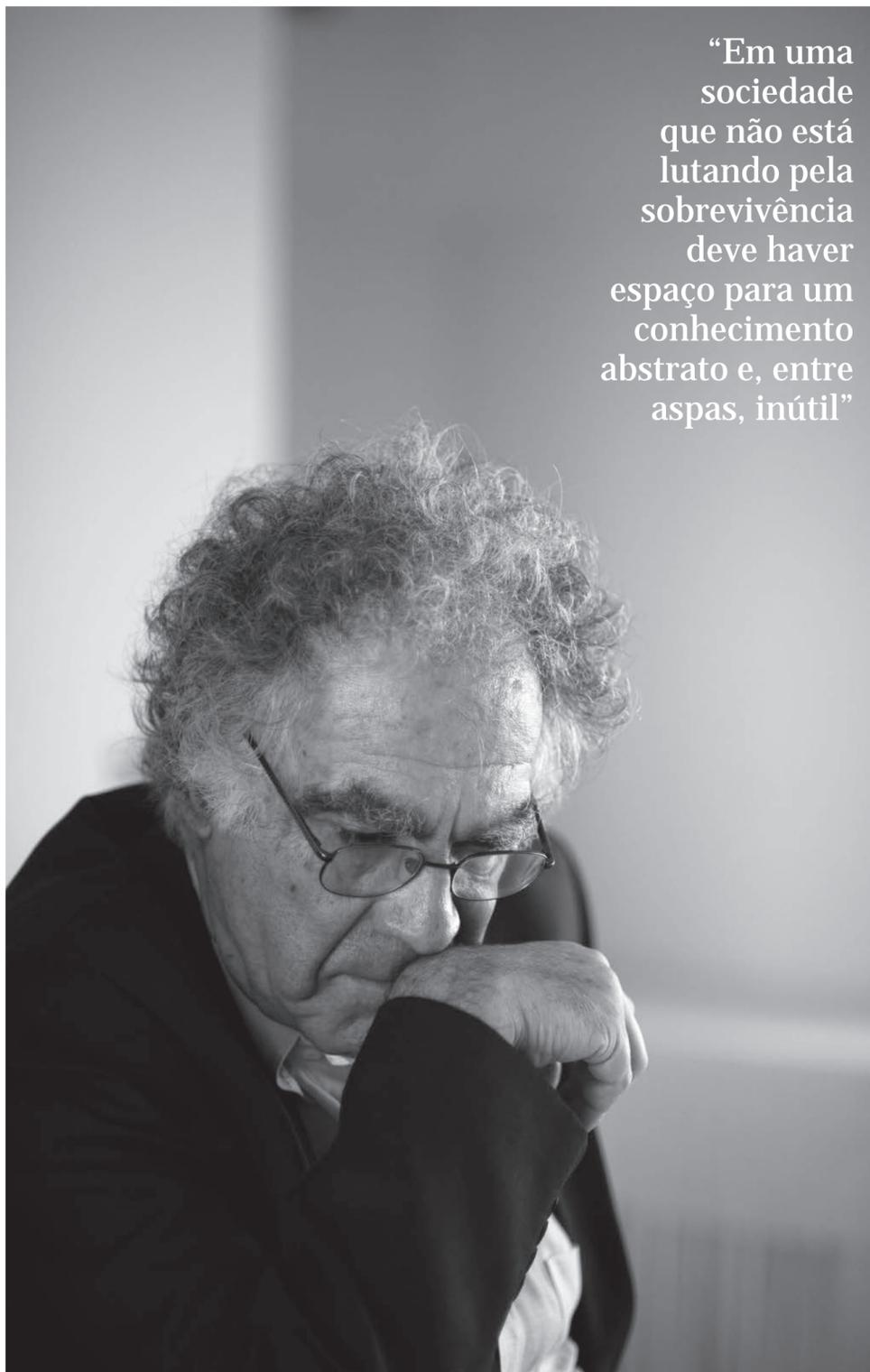
micro-história nunca teria surgido. Há algo instigante na distribuição geopolítica da micro-história. Houve uma primeira onda de interesse na França, na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos. Mas houve, então, uma segunda onda, que envolveu a Dinamarca, a Islândia, a Coreia do Norte... E agora há uma rede na Internet sobre historiadores interessados em micro-história [www.microhistory.eu], à qual eu me juntei com muitas outras pessoas. A rede foi iniciada e é dirigida por dois historiadores, um húngaro e um islandês. Então, você pode ver como periferias tão frias se tornaram interessadas em micro-história. Acho que a micro-história pode ser considerada um instrumento capaz de subverter hierarquias políticas existentes ou, da mesma forma, hierarquias históricas cuja relevância é basicamente política. O fundamental na micro-história é que um trabalho feito em uma aldeia na Islândia pode ser de um ponto de vista cognitivo e intelectual tão relevante quanto um ensaio sobre a Revolução Francesa. De certo modo, o que é relevante é a riqueza do resultado, e não a relevância preexistente do tópico, e eu acho que isso é muito importante.

JU – Como o senhor vê a tendência de o conhecimento acadêmico ficar restrito às universidades?

Carlo Ginzburg – Em essência, isso é bastante normal. Há intermediários. Você pode imaginar vários círculos; a ideia de que algum tipo de conhecimento altamente sofisticado possa ser imediatamente transmitido a um público maior me parece irrealista. O fato de que há algum tipo de conhecimento altamente especializado que não será transmitido para um público maior não é um argumento contra esse tipo de conhecimento. Algumas especulações altamente abstratas sobre matemática, por exemplo, se revelaram lucrativas. E mesmo se esse não for o caso, isso não serve de argumento contra esse tipo de conhecimento. E, na verdade, se esse argumento alguma vez houvesse funcionado, nós ainda estaríamos nas cavernas. Mas não estou usando isso como um tipo de contra-argumento, porque estaria do lado do meu oponente. O que estou dizendo é que em uma sociedade que não está lutando pela sobrevivência deve haver espaço para um conhecimento abstrato e, entre aspas, inútil.

JU – Qual é a relação entre a narrativa histórica e a literatura? Há limites entre uma e outra?

Carlo Ginzburg – Há limites. Como eu disse várias vezes, sou fortemente contra a ideia de que a fronteira entre narrativas históricas e ficcionais seja borrada, de que não haja distinção rigorosa. Sou contra essa ideia. Meu argumento é totalmente diferente. Acho que há uma aproximação e uma competição. Uma competição que ocorre, como já vem acontecendo há séculos, entre, digamos, poetas e historiadores, romancistas e historiadores, para representar a realidade. Há algumas citações, como a de Balzac: "Eu serei o historiador do século XIX" – um romancista dizendo "eu serei o historiador". OK, é um desafio. E é possível aprender a partir da ficção. Mas



“Em uma sociedade que não está lutando pela sobrevivência deve haver espaço para um conhecimento abstrato e, entre aspas, inútil”

FLAVIO DUTRA/JU

aprender com a ficção não significa que nós estejamos fazendo a mesma coisa.

JU – E como o senhor vê, por exemplo, o envolvimento de jornalistas em trabalhos como as biografias?

Carlo Ginzburg – Depende da qualidade. Mau jornalismo é mau. Má história escrita por jornalistas é má. Boa história escrita por jornalistas é boa. É realmente uma questão de qualidade.

JU – Quando se trata de fronteiras entre conhecimento histórico e ficção, o senhor costuma dizer que a prova é fundamental. Qual seria o limite para a interpretação de possíveis verdades a partir de uma fonte?

Carlo Ginzburg – Isso é algo que não pode ser julgado *a priori*. Podemos discutir um caso específico, porque não há fórmulas. É preciso aprender a ler, tanto na tela do computador quanto em um livro. Mas é necessário aprender a ler. E ler é difícil. Cada caso é diferente. E essa é a razão pela qual o professor, na minha visão, não pode ser substituído pela Internet. É necessário aprender, geralmente por meio de um diálogo com uma pessoa viva, como um caso particular funciona e como outro não funciona do mesmo jeito, e assim por diante. Então, sem mais fórmulas prontas.

Diego Mandarino, estudante de Jornalismo da Fabico

Internet: meio de controle e também de liberação

À noite do dia 29 de novembro, na Conferência, o historiador trouxe um estudo de caso para formular hipóteses sobre uma realidade geral – a da apreensão de informações na era Google.

Ele associou o surgimento da ferramenta de busca mais popular na atualidade ao surgimento da imprensa, tanto pelo fato de disponibilizar informações a quem antes nunca poderia acessá-las como pela concentração das mesmas em uma companhia privada, e sugeriu que a Internet pode ser tanto um meio de controle quanto de liberação.

Carlo Ginzburg contou ter recebido, em setembro de 2010, uma carta da Sibéria de uma jovem que dizia ser uma Benandante. O termo refere-se a um grupo tradicional do Friuli dos séculos XVI e XVII, a respeito do qual Ginzburg publicou seu primeiro livro em 1966, *I Benandanti* – traduzido no Brasil como "Os andarilhos do bem". Eles se diziam feiticeiros que lutavam em espírito contra bruxos do mal para garantir boas colheitas.

Na carta, a jovem dizia ter nascido com a membrana fetal – que caracteriza a predestinação a ser um Benandante – e ter visões, como a de um anjo que lhe comunicava o seu dom.

Ginzburg ficou intrigado com o fato de uma lenda tão distante em tempo e espaço ter sido citada pela jovem russa. Afinal, a tradição dos Benandanti havia desaparecido e ficou esquecida durante séculos, mesmo no Friuli, até a publicação de seu livro.

O historiador descobriu que a moça sofria de epilepsia e que fizera uma busca dirigida no Google com termos específicos, como "membrana fetal" e "visões", que acabaram a conduzindo à tradição dos Benandanti através de uma entrevista de Ginzburg publicada na Internet.

Ele ponderou que a jovem buscou uma resposta ao estigma de sua doença, inscrevendo-a numa constelação cultural: "Essa moça elaborou autonomamente de forma totalmente anti-histórica uma tradição de que tomou conhecimento de forma indireta".

Para Ginzburg, o Google é, ao mesmo tempo, um poderoso instrumento de pesquisa histórica e um poderoso instrumento de cancelamento da história. "Essa contradição já está modificando o mundo. O presente e o futuro se tornaram mais frágeis e o passado também; pelo menos, o passado como os historiadores o veem."



Jovens cientistas da UFRGS

Soluções para o futuro

Eunice Maria Vigânico e Cleiton Cristiano Spaniol foram premiados pelos seus projetos em energia e meio ambiente



Depois da premiação, Eunice foi procurada por empresas que atuam no setor carbonífero

Jacira Cabral da Silveira

A edição de 2010 do Prêmio Jovem Cientista, organizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), teve como tema Energia e Meio Ambiente – Soluções para o Futuro e contou com o apoio da Fundação Roberto Marinho e do Grupo Gerdau. A UFRGS recebeu a premiação Mérito Institucional, e dois alunos foram premiados em categorias distintas: Cleiton Cristiano Spaniol, na categoria Estudante do Ensino Superior (2.º lugar), e Eunice Maria Vigânico, na categoria Graduado (3.º lugar).

Menos desperdício – Antes de começar o banho em uma residência em que se usa o aquecimento a gás em seus chuveiros, desperdiçavam-se em média 12 litros. Isso ocorre porque a água fria (aquela contida no encanamento e a das primeiras passagens no aquecedor) costuma ser desperdiçada do momento em

que é acionado o registro até o instante em que atinge a temperatura ideal para o banho. Considerando uma família de quatro pessoas que têm o costume de tomar dois banhos por dia, isso dará um total de desperdício semanal de 672 litros, chegando a uma perda anual de 32.256 mil litros de água.

Cleiton e seu antigo colega de escola técnica Fernando de Souza Cantarelli procuraram desenvolver um sistema adaptável ao chuveiro ou ao aquecedor a fim de reduzir tal perda de água tratada. Tudo isso foi desencadeado por uma provocação de Jefferson Luís da Silva, um de seus professores da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha. Assim surgiu a primeira versão do projeto com o qual Cleiton, hoje aluno do 5.º semestre do curso de Engenharia de Produção da UFRGS, conquistou o 2.º lugar na categoria Estudante do Ensino Superior da edição de 2010 do Prêmio Jovem Cientista do CNPq.

A primeira etapa do trabalho foi

desenvolver um sistema capaz de quantificar a água desperdiçada num banho desde o momento em que o usuário liga o chuveiro até o instante em que a água atinge a temperatura para banho (de 36 a 40° C). Isso foi feito com um galão, um funil grande para captar a água do chuveiro e um termômetro determinando a temperatura da água que caía. O levantamento foi realizado em várias casas e, em média, o desperdício ficou em torno de 12 litros por banho (a variação foi de 10 a 23 litros).

O desenvolvimento de uma solução para o problema levou à construção de dois sistemas distintos. O primeiro consiste em uma válvula solenoide de três vias [válvula eletromecânica usada para controlar o fluxo de líquidos ou gases] e um termostato. Uma via da válvula corresponde à entrada da água, e as outras duas, à saída para o chuveiro e para a caixa d'água. Quando ligado o registro, a água inicial fria é direcionada para a caixa d'água; no momento em que o termostato detecta a temperatura programada, os comandos da válvula são invertidos, e a água é direcionada para o chuveiro.

O segundo sistema funciona por meio da instalação de um temporizador e de um fluxostato [dispositivo utilizado para detectar a presença ou ausência de fluxo d'água], interligados à mesma válvula. Nesse projeto, porém, a variável controlada, diferentemente da temperatura no sistema anterior, é o tempo que a água leva para atingir a temperatura. Em ambos os sistemas, há redirecionamento da água tratada antes de seu uso, sendo que os dois só permitem a saída de água pelo chuveiro no momento em que ela está na temperatura ideal para o banho.

A tarefa agora é viabilizar uma produção em larga escala que concilie facilidade de instalação e menor custo. Atualmente, a montagem do equipamento custa cerca de R\$ 300. Nesse sentido, Cleiton lamenta que ainda não exista uma cultura de preservação do meio ambiente mais difundida, o que acaba fazendo com que as pessoas supervalorizem o preço do produto em vez de reconhecer seu benefício e percebê-lo como um investimento na sustentabilidade do planeta.

Entretanto, graças aos prêmios que o projeto tem acumulado, em especial o de Jovem Cientista, ele acredita que a receptividade tenda a mudar. De acordo com o estudante, já existe uma construtora interessada em implantar o sistema em um prédio residencial de 27 apartamentos, no balneário de Tramandaí, no litoral gaúcho: “Eles estão apostando no argumento da preservação ambiental com o combate ao desperdício de água”.

Rejeitos reaproveitados – Formada em 2003 em Química Industrial

na UFRGS, quando começou a trabalhar foi que Eunice Maria Vigânico pôde avaliar a dimensão dos problemas ambientais que afetam o dia a dia da indústria.

Mesmo reconhecendo que essa ainda é uma área muito nova, a pesquisadora acredita que o curso poderia ter disciplinas que aprofundassem mais a questão do meio ambiente, como, por exemplo, incluir no currículo conhecimentos sobre legislação ambiental – fundamental para quem vai trabalhar na indústria e se depara com problemas reais. Foi a partir dessa necessidade enfrentada na prática que nasceu seu interesse por fazer pós-graduação nessa área.

“A Universidade é a mentora de tudo o que há de novo, e as empresas hoje têm que se atualizar”, até porque precisam se adequar à lei de resíduos sólidos e ao ISO 14.000, que trata da gestão de qualidade em meio ambiente. Essas necessidades das empresas, entretanto, não são encontradas nos

somente biodiesel, só fontes renováveis. Só no Brasil existem 30 bilhões de toneladas de reserva carbonífera.”

Depois de sua extração, o carvão passa por um processo de beneficiamento, e os rejeitos são descartados no ambiente. Esses rejeitos dispostos em pilhas são abundantes em pirita, que é um mineral rico em ferro e enxofre. Quando chove, esse material que está exposto ao ar livre oxida e suas propriedades escorrem junto com a água da chuva, poluindo rios e solos. É a chamada drenagem ácida de minas (DAM): “Por onde ela passa, dificilmente se vê alguma vegetação”, observa a pesquisadora.

O projeto de mestrado de Eunice teve início em 2008, com a coleta de uma amostra de rejeito de carvão rico em pirita (FeS₂) e a sua caracterização. No LEAmet, a amostra foi dissolvida em meio aquoso, resultando num lixiviado [resultado da oxidação do rejeito quando em contato com o oxigênio e a água, e exposto à ação de bactérias que aceleram essa oxidação] rico em ferro. Submetida à ação de radiação ultravioleta para conversão do sulfato férrico em ferroso (de Fe³⁺ para Fe²⁺), a solução aquosa rica em Fe²⁺ foi evaporada para a cristalização do sulfato ferroso. Tais cristais foram purificados em álcool etílico e caracterizados por análise química elementar, difração de raio x e microscopia eletrônica de varredura. O sulfato de ferro foi recuperado para uso sob a forma de melanterita (FeSO₄·7H₂O), sulfato ferroso heptahidratado, utilizado para o tratamento da anemia, na fabricação de ração para animais, em reagentes para tratamento de águas, entre outras aplicações. Segundo a pesquisa, potencialmente, mil quilos de rejeito de carvão com 65% de pirita (FeS₂) podem produzir 1.500 quilos de melanterita.

“O importante é saber que esses resíduos sólidos e líquidos gerados em decorrência da extração do carvão mineral podem ser modificados, reaproveitados e comercializados”, explica. Já no doutorado, Eunice vai continuar trabalhando no mesmo projeto a fim de torná-lo economicamente viável.

Depois da divulgação da premiação do CNPq, a pesquisadora foi procurada por empresas que atuam no setor carbonífero oferecendo parceria. Mas ainda não há qualquer encaminhamento nesse sentido. O que está definido é que Eunice pretende continuar no meio acadêmico e já está responsável pela disciplina Introdução de Engenharia Ambiental: “É gurizada nova e eles ficam bem curiosos com o tema. Tem muito coisa que é nova e outras que são mitos. É necessário ter cuidado nessa área de meio ambiente, mas é bem legal”, sorri.



Cleiton lamenta a falta de uma cultura de preservação ambiental



JU indica para o verão

Diário de um repórter

Ligeiramente fora de foco

Robert Capa
Cosacnaify, 2010, 296 páginas, 100 fotografias
R\$ 60 (valor médio)

Na vida do jovem húngaro que sonhava em ser repórter e romancista, a fotografia foi um daqueles formidáveis acidentes do destino. Robert Capa (1913-1954), nome que Andre Friedmann adotou em 1933, tornou-se o mais célebre dos correspondentes de guerra do século XX. Ele fotografou a Guerra Civil Espanhola, a resistência chinesa à invasão japonesa, os dramas europeus da Segunda Guerra Mundial, a primeira guerra árabe-israelense e a guerra da Indochina francesa. Mas foi, também, um escritor talentoso capaz de transmitir de forma penetrante os sentimentos das pessoas nas guerras civis ou rebeliões que cobriu.

Ligeiramente fora de foco, lançado no final de 2010 pela Cosacnaify, teve sua primeira edição publicada em 1947 e logo conquistou público e crítica pela maneira simples com que o autor vai contando histórias por vezes dolorosas. Além disso, os relatos são ilustrados por fotografias das quais não se consegue tirar os olhos. Contador de histórias nato, Capa foi acusado de sacrificar a verdade para tornar uma boa história ainda melhor. Mas sempre que a verdade literal era importante, ele lhe foi fiel. O conselho que dava a seus colegas fotógrafos: "Se suas fotos ainda não estão boas o suficiente, é porque você ainda não está perto o suficiente", lhe custou a vida. Roberto Capa morreu aos 41 anos num acidente com uma mina terrestre na Indochina.

No diário, que vai do verão de 1942 até o final da guerra na Europa, ele entremeia histórias de homens e mulheres que encontrou em suas andanças atrás de uma boa foto. A frase que dá título ao livro faz referência a um episódio tragicômico ocorrido na Tunísia. Depois de ter o rosto atacado por percevejos durante a noite, a ponto de ficar com os olhos inchados e a visão distorcida, Capa acompanhou uma patrulha pelo deserto. Premido por urgências fisiológicas, desceu do jipe em que estava e

Robert Capa ficou conhecido como o maior fotógrafo de guerra



REPRODUÇÃO

caminhou até uma moita de cactus. Já de calças arriadas, leu com dificuldade uma pequena placa escrita em alemão: "Atenção! Minas!". Assim, numa posição incômoda, ele esperou durante horas pelo esquadrão antimitinas. Para sua desgraça, um fotógrafo da revista Life acompanhava a equipe de salvamento, e sua aventura transformou-se no principal assunto daquele dia.

Capa entremeia a narrativa de momentos cruciais do conflito, como o desembarque das tropas americanas na Normandia, o famoso dia D, com muitas histórias pessoais engraçadas, como a deste trecho em que ele conta a sua fuga de um hospital italiano, quando se recuperava de malária:

"O hospital tinha comida ruim e uma enfermeira bonita. Não consegui comer, e o doutor pediu para a enfermeira me dar duas doses de uísque todo dia, para abrir o apetite. [...]"

Perguntei à enfermeira se dava para encontrar alguma comida boa em Palermo. Ela disse que no Hotel Excelsior havia um restaurante de mercado negro muito bom. Ela me deu minha pulsação, disse que eu ainda estava com febre, e que podíamos sair sem ser notados pela janela do porão depois que escurecesse.

Comemos boas bistecas e bebemos spumanti. Foi divertido. Quando voltamos ao hospital, já era bem tarde e a janela estava trancada.

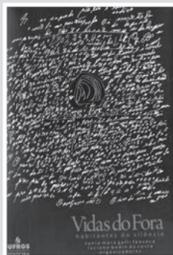
Eu me comportei como um galã do século XVIII, mandei a enfermeira para suas acomodações, entrei pela frente e disse que era um novo paciente. Que achava que talvez estivesse com malária, acrescentei. Eles me internaram de novo. Infelizmente, fui mandado para a mesma ala, e o mesmo médico veio me examinar. Dessa vez, fui despedido do hospital."

Para quem já leu *Um diário russo* (Cosacnaify, 2003), relato de uma viagem do fotógrafo ao lado do escritor John Steinbeck pelos países da antiga União Soviética, é impossível deixar de comparar a prosa de Steinbeck, minuciosa, mas direta, com o estilo errante e debochado de Robert Capa. (Ânia Chala)

Ousadia multidisciplinar

Vidas do fora – habitantes do silêncio

Tania Fonseca e Luciano da Costa (organizadores)
Editora da UFRGS, 2010, 144 págs.
R\$ 32 (valor médio)



Escapar ao senso comum e ao bom senso. Essa é a proposta de "Vidas do fora: habitantes do silêncio", bela e ousada edição que compreende os textos de 37 autores das mais variadas áreas de atuação. A coletânea está dividida em três seções: Vidas, Lugares e Silêncios.

Em comum, os artigos da publicação têm como objeto o Fora, o não visto, o que se encontra em recantos a serem percebidos somente por corpos sensíveis à sua presença.

Os organizadores Tania Mara Galli Fonseca e Luciano Bedin da Costa, ambos professores de Psicologia, contam que a primeira ideia para essa obra surgiu com o olhar para o acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre/RS – ambiente da sua atual pesquisa. Segundo eles, são ao todo cem mil obras expressivas e de inúmeros autores: todos portadores de sofrimento mental grave, submetidos à longa internação.

Na observação dos pesquisadores, tais trabalhos foram desenvolvidos na língua do Fora, que produz séries de non-senses, desconstrói o alfabeto e a gramática, o mundo e o próprio sujeito. "Gostariamos de produzir vidas na vida que foi e que, ao ser olhada para além da mera visão sensorial, faz-se presente pelo que ela nos instiga a falar de nós próprios", esclarecem sobre o projeto do livro.

Na seção Vidas, consta a produção "Entre a história e o tempo: duas vidas loucas", do professor de História Benito Schmidt e da doutoranda Viviane Trindade Borges. Outro destaque do primeiro grande tema é "Réquiem para uma vida", de Sara Hartmann (mestranda em Psicologia Social na UFRGS) e Tania Mara Galli Fonseca.

Já no espaço concernente a Lugares, os artistas Blanca Brites e Vitor Butkus de Aguiar apresentam o artigo "Labirintos da memória". Na terceira seção, Silêncios, o trabalho da professora de Filosofia Ana Carolina da Costa e Fonseca, "Imagens do silêncio, retratos em movimento", traz sequências de fotografias dos rostos frequentadores da Oficina de Criatividade do São Pedro. No pós-fácio, a psicóloga Marisa Lopes da Rocha destaca a heterogeneidade das abordagens desta que chama de obra-perturbação, "um dispositivo ético-estético-político que intercede a favor do acolhimento à loucura nas tentativas de equilíbrio na linha de fronteira, livro-corpo em que a literatura fala da vida como impessoalidade". (Caroline da Silva)

Cartografia de sensações

À flor da pele – subjetividade, clínica e cinema na contemporaneidade

Leila Domingues
Editora da UFRGS - Coleção Cartografias,
2010, 381 págs.
R\$ 28 (valor médio)



A pesquisa da doutora em Psicologia Clínica e pós-doutora em Psicologia Social Leila Domingues foi desenvolvida no âmbito do Núcleo de Estudos da Subjetividade (PUC-SP), junto aos professores Luis Orlandi, Suely Rolnik e Peter Pál Pelbart.

A autora, docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional (UFES), estrutura a obra "À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema na contemporaneidade" em capítulos inspirados em longas-metragens estrangeiros. A ordem é cuidadosamente montada para a posterior produção de significações que embasarão a sua tese: *O jarro*, de Ebrahim Foruzesh (IRÁ, 1992, 183 min); *Entre o inferno e o profundo mar azul*, de Marion Hänsel (FRA, ING, BEL, 1995, 92 min); *Gosto de cereja*, de Abbas Kiarostami (IRÁ, FRA, 1997, 91 min); e *Viver*, de Akira Kurosawa (JAP, 1952, 143 min).

O livro trabalha com a ideia dos sentimentos à flor da pele, aludindo diretamente à música *Flor da pele*, de Zeca Baleiro. A crítica da autora se faz à era dos psicofármacos: "Recorre-se, então, a 'sedativos' de ordens diversas para anestesiar e impermeabilizar a pele às sensações, a experiência de uma espécie de hiper-realidade". De acordo com a professora, o apogeu desses medicamentos faz acreditar que é um dever controlar os sentidos: "Os comprimidos impedem a dor, a fadiga, alguns provocam euforia, potência, equilíbrio. A sedação se configura como um recurso de 'estabilidade'". A avaliação da psicóloga é de que essa tentativa de impedir que o que nos acontece seja experimentado na intensidade das sensações acaba por tornar os indivíduos dependentes das diversas "drogas" ou, segundo ela, das poderosas indústrias de produção de sentidos e conceitos manufaturados para o planeta.

"No entanto, estar à flor da pele pode impulsionar aberturas, como uma artéria que se rompe. O sofrimento pode forçar o pensamento a pensar o impensável, a criar sentidos para a dor. Não em um apaziguamento ou em uma tolerância, ou em um suportar a dor, e, sim, em sua transmutação em alegria." Amparada teórica e basicamente em Gilles Deleuze, a autora parte da pergunta: "O que estamos ajudando a fazer do que vem sendo feito de nós?". Por isso, os escritos de Leila, a partir da experiência dos filmes, acabam gerando uma verdadeira ode às subjetividades. Os quatro longas se configuram, na sua interpretação, em quatro platôs ao mesmo tempo independentes e interligados. (C. S.)

Tributo ao mestre dos mestres

Guilhermino Cesar – memória e horizonte

Maria do Carmo Campos (org.)
Editora da UFRGS, 392 págs.
R\$ 30 (valor médio)



Alguns professores conseguem ir muito além da transmissão de conhecimento, logrando acender no coração de seus alunos a paixão pelo saber. Guilhermino Cesar (1908-1993), o mineiro que escolheu o Rio Grande do Sul para dedicar-se simultaneamente à vida política, à cultura, à docência universitária e à pesquisa histórica, foi um desses mestres inesquecíveis. "Guilhermino Cesar – Memória e horizonte" resulta de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq e faz uma cartografia das muitas faces desse personagem que empresta seu nome à praça situada junto ao Instituto de Letras da Universidade, no Câmpus do Vale. O livro reúne as contribuições de 29 ensaístas, escritores, professores e alunos convidados, cujos textos ajudam a reconstruir parte da vida e da obra desse grande intelectual.

Um desses ensaios, assinado por Flávio Loureiro Chaves, docente aposentado do Instituto de Letras da UFRGS, serve como mostra do quanto a vivência com o mestre foi marcante. No texto, ele descreve a primeira vez em que visitou a casa de Guilhermino, relembrando as infundáveis estantes de livros que recobriam a casa toda e revela a emoção que sentiu ao receber do professor um livro de poesia com a seguinte dedicatória: "Hoje ofereço este exemplar ao Flávio Loureiro Chaves, meu amigo". O leitor então é conduzido a uma viagem pela cidade mineira de Cataguases, repleta de informações sobre o cenário político e cultural que moldou a personalidade desse homem que veio para o sul em 1943 no auge da ditadura de Getúlio Vargas, acompanhando o interventor Ernesto Dornelles.

No entanto, apesar do rótulo de conservador recebido por conta desse antecedente político, Guilhermino jamais usou a cátedra de Literatura Brasileira da recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS para qualquer extroversão política. Em suas aulas era vigente o direito à controvérsia, frequentemente provocada pelo próprio mestre, pois ele só entendia a docência como debate, discussão e geração de novas ideias. Segundo Flávio, com Guilhermino "a prática do magistério assumia uma característica transdisciplinar em que História e Literatura cruzavam-se e iluminavam-se em avenida de mão dupla".

Ao analisar o legado do mestre para o estudo da literatura gaúcha, o ex-aluno é categórico: a literatura do Rio Grande do Sul só foi avaliada na justa medida quando um mineiro examinou-a rigorosamente e tomou distanciamento crítico. Cabe agora a seus discípulos honrar a tradição desses ensinamentos. (A.C.)



Cada vez mais popular



Alunos do curso de Música integram o Coletivo de Música Popular da UFRGS que se apresentou no último Salão de Iniciação Científica, ocorrido em outubro

Sem fronteiras Música popular ganha espaço na Universidade e pode dar origem a novo curso

Historicamente deixada em segundo plano pela academia, a música popular tem recebido cada vez mais atenção e estudo na UFRGS nos últimos anos, com o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre o tema. Em breve, a Universidade poderá dar um passo definitivo para a consolidação desse processo, com a criação de um curso de bacharelado em música com ênfase em música popular. O pedido foi encaminhado à Câmara de Graduação, e o resultado sairá ainda neste primeiro semestre. Se aprovado, o novo curso será incluído no próximo vestibular, iniciando suas atividades em 2012.

Quem está na expectativa pela decisão é Luciana Prass, uma das pessoas responsáveis pelo projeto. Professora do departamento de Música da UFRGS desde 2007, ela diz que a ideia não é fazer uma contraposição ao curso tal como é hoje, e sim ampliar a oferta da Universidade e o diálogo entre os diferentes tipos de música, sem criar incômodos ou rivalidades. Segundo ela, os professores de música erudita veem com bons olhos a inserção da música popular na academia.

A criação do novo curso poderia aliviar certa tensão existente no departamento devido ao descontentamento de alguns alunos ligados à música popular com o fato de o curso se inclinar para o erudito, especialmente no repertório. Essa tendência vem desde a prova específica, realizada junto com o vestibular e necessária para o ingresso na Universidade. Luciana, porém, faz um alerta: “Não podemos fazer o curso para música popular e incluir só Tom Jobim e Chico Buarque. Eles vão estar, certamente, mas queremos abrir outras

possibilidades, não criar novos limites”, diz, mencionando rock, jazz, bossa nova, choro, samba e música gaúcha como possíveis opções de flexibilização do repertório.

Dificuldades – Um complicador para a implementação do curso seria a formação do corpo docente. No Brasil, o quadro de pessoas ligadas à música popular com formação em pós-graduação não é exatamente abundante. Essa carência se explica porque ainda são poucos os cursos nessa área na academia brasileira. A universidade pioneira foi a Unicamp, que criou o seu em 1989. Mais recentemente, as federais da Bahia (UFBA) e de Minas Gerais (UFMG) também passaram a oferecer o curso.

O caso de Luciana Prass confirma isso. No concurso da UFRGS em que foi aprovada para o cargo de professora adjunta, o pré-requisito inicial era de doutorado – que ela ainda não havia concluído à época. No entanto, nenhum doutor apareceu, e a exigência acabou diminuindo para mestrado. Para lidar com essa carência, Luciana fala em fortalecer a extensão. Se não houver um professor concursado capaz de dar aula sobre determinado instrumento, os alunos da graduação aprenderão sobre ele na extensão, onde não há exigência de formação acadêmica para a transmissão de conhecimento.

Um projeto que evidencia o interesse por música popular dos alunos do curso de Música da UFRGS é o Coletivo de Música Popular. Coordenado por Luciana Prass e pela professora Caroline Abreu e criado no final de 2008, o grupo tem sua formação alterada frequentemente – ele “tem uma proposta de coletivo”, segundo Luciana. A intenção é também divulgar a música popular que é feita dentro do departamento, diz ela. O grupo se apresenta em eventos da UFRGS, como as recepções a alunos estrangeiros e o Salão de Iniciação Científica.

Estudo da canção – O estudo da música popular na UFRGS não está restrito ao Instituto de Artes. O professor de Literatura Brasileira Luís Augusto

Fischer criou, há cerca de quinze anos, a cadeira de Canção Popular Brasileira. Fischer fala em “descoberta do óbvio” para explicar de onde surgiu a ideia que o motivou a elaborar a disciplina: além da constatação de que há interesse dos alunos do curso de Letras pelo tema, ele observou que a canção popular não tem um lugar muito nítido na academia, apesar de sua enorme presença na cultura brasileira.

Entre os méritos da canção como forma de manifestação artística, Fischer menciona a sua eficácia comunicativa: “A canção nasceu dentro da indústria cultural moderna. A sua forma, de três minutos, foi determinada pelo que cabia no lado de gravação do disco. Outra virtude é que ela é uma arte portátil, que se leva para qualquer lugar. Além disso, é rápida de compor, o que dá a ela uma capacidade muito forte de comentar o mundo”, afirma, citando Caetano Veloso e sua ideia de que a canção é confiável: sabe-se que um acontecimento relevante em breve repercutirá em forma de música.

Nessa cadeira de Canção Popular Brasileira, Fischer faz um percurso histórico que começa no século XVIII e vai até as décadas de 1960 e 70. Segundo ele, muitos alunos estranham a ênfase em momentos remotos, uma vez que eles estão acostumados a ver a canção como uma experiência viva e atual. Mas isso faz parte de sua tentativa de desnaturalizar a relação que os estudantes têm com o objeto de estudo: “O aluno gosta de canção. Mas, para estudá-la, ele tem que se despir de suas preferências, para olhar aquilo como um fenômeno histórico. Não é pelo caminho óbvio de gostar ou não gostar. Isso faz parte, mas não é o critério, não ajuda o aluno a olhar para o objeto”, diz.

O estudo em sala de aula se dá sempre por meio da audição. Fischer acredita que um dos motivos pelos quais a canção não tem um lugar nítido na universidade é o fato de ela não ser “nem exatamente música nem exatamente letra”. Ele considera que a canção é um gênero que se compõe dessas duas dimensões, que se relacionam de forma inextricável.

Assim, por vezes é preciso abordar aspectos musicais na disciplina. O exemplo é o de um período no início do século XX em que a tecnologia não permitia gravar percussão – o que, para a música brasileira, é algo decisivo, especialmente por conta da herança musical africana. O professor diz que o estudo desenvolvido no Instituto de Letras não é o de uma teoria musical, e sim o de uma teoria da canção. Ali, não se acompanha uma frase no pentagrama, mas a melodia é levada em conta, porque ela tem origem na fala, e a fala influencia a letra.

Validação científica – Além da disciplina de canção popular na graduação, Luís Augusto Fischer foi um dos idealizadores do Núcleo de Estudos da Canção da UFRGS, que desde 2008 vem realizando encontros e atividades de audição e discussão sobre o tema. Na pós-graduação de Literatura, ele tem orientado trabalhos relacionados à música popular. Um deles foi o de Carlo Pianta, guitarrista da Grafórréia Xilarmônica e professor de Música no IPA, que defendeu em 2010 sua tese de mestrado, intitulada “A gênese da Bossa Nova: João Gilberto e Tom Jobim”.

Formado em Composição pela UFRGS, Pianta fez a prova para o mestrado no mesmo curso no ano de 2003, junto com o também músico Arthur de Faria. Porém, naquele momento, não estavam sendo selecionados os “híbridos”: pessoas que, além da academia, também faziam carreira na música popular. Assim, ele elaborou o trabalho para o curso de Literatura. As ideias de sua tese, porém, são bem anteriores. Ele conta que, desde 1990, entende que João Gilberto tem uma “posição ímpar” até no cenário mundial da música. “Em certos aspectos, é a conclusão de um trabalho de vinte anos”, diz.

Pianta vê a tese de mestrado como uma validação científica de suas posições: “Ela é fruto de ideias que eu pensei e formulei. Todas as opiniões que estão ali podem ser sustentadas sem o trabalho acadêmico. Mas faz sentido, para mim, essa validação dentro da academia do meu trabalho, que tem interlocuções com outras coisas.

Por quê? Porque eu acho que tenho algumas formulações que não foram feitas antes, e, independentemente de estarem certas ou erradas, elas são úteis para se pensarem certos aspectos”.

Sem fronteiras – Carlo Pianta afirma que nunca viu uma separação entre sua atuação como músico na Grafórréia e como músico na academia. “O que me espanta é que outras pessoas não vejam dessa forma”, diz. Ele cita as composições de Marcelo Birk – que desenvolvia o trabalho no grupo simultaneamente ao bacharelado na Música, assim como Pianta – e conta que o jeito de tocar as músicas, logo no primeiro ensaio após ter entrado na banda, não era muito diferente do que se mantém até hoje. “A Grafórréia tem autenticamente um *background* de rock, de música popular e brega brasileira e também de coisas da música acadêmica de vanguarda do século XX, sem rotular nada”, afirma.

“Desde pequeno, sempre tive contato e escutei música erudita e popular. A minha experiência estética e intelectual vem daí. Já nasci com a quebra dessa separação. E tanto no trabalho com a Grafórréia quanto no trabalho acadêmico isso fica explicitado”, diz. “Às vezes tu observas que as pessoas dentro do rock, do jazz ou do erudito olham as coisas só de uma maneira. Mas também se vê que os grandes caras dessas áreas estão caminhando para fugir dessa separação”, conclui Pianta.

Luciana Prass diz que “ao fim e ao cabo, um dia a gente vai concluir que música é música e não precisaria separar popular de erudita”. A tentativa de criar um curso de música popular é, segundo ela, uma opção política, para chamar um outro público de estudantes, porque “hoje em dia, muito mais gente tem interesse no curso superior”. Além do diploma, ela cita a possibilidade de compartilhar o ambiente com outros músicos como um atrativo para pessoas ligadas à música popular ingressarem na universidade.

João Flores da Cunha, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico



► **Redação** Ánia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Bom Fim: um bairro, muitas histórias



Mostra reúne imagens de acervos institucionais e pessoais, além de objetos

Exposição Museu da UFRGS destaca um dos mais tradicionais bairros da capital

Para quem viveu a agitação do Bom Fim no início dos anos 80, a exposição que o Museu de UFRGS apresenta é como uma viagem no tempo. A mostra registra imagens como a da turma de atores e realizadores de "Deu prá ti anos 70", um marco na produção cinematográfica gaúcha.

Segundo o professor do Departamento de História Benito Bisso Schmidt, curador geral da exposição, "houve a preocupação de mostrar a diversidade de culturas do bairro. Normalmente, no imaginário coletivo, o Bom Fim está associado à comunidade judaica. Mas ele também foi ocupado por outros grupos étnicos, como os africanos. Havia um trânsito intenso de negros, sendo que a Redenção está muito associada às fugas de escravos que costumavam se esconder no Campo da Várzea".

Benito ressalta que, mesmo na comunidade judaica, coexistem grupos com características diferentes. Um exemplo disso é a criação do Clube de Cultura, entidade fundada por judeus de esquerda não religiosos.

"Tivemos a preocupação de não passar uma ideia de idílio: mostramos conflitos e perseguições aos judeus e aos africanos. A ideia foi mostrar o bairro como um porto de chegada de diversos imigrantes, registrando que ele foi um local de tensões étnicas muito pungentes", diz o professor, para quem qualquer exposição tem de provocar o visitante, fazendo-o ir além de uma memória já dada e questioná-la.

O Bom Fim surgiu do segmento inicial do Caminho do Meio, atual Osvaldo Aranha, estrada já existente no século XVIII. Na época, além do Caminho do Meio, havia apenas duas transversais, as atuais Sarmiento Leite e Ramiro Barcelos.

Dividida em quatro núcleos, a mostra faz uma leitura polifônica do bairro: Histórias de terras distantes, apresentando a origem dos povos que formaram o bairro; Histórias de rebeldia e transgressão, resgatando os movimentos de resistência que buscaram o Bom Fim como abrigo; Histórias diurnas e noturnas, apresentando as duas faces, o Bom Fim dos trabalhadores e das escolas, e o bairro que abriga os boêmios; por fim, o núcleo Histórias imaginárias, abrangendo a produção artística confeccionada no bairro, a parte com maior interatividade da exposição.

A exposição fica em cartaz no Museu da UFRGS até 1.º de julho, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Agendamento de grupos para visitação pelo telefone 3308-4022.

CINEMA

Mostra Charles Chaplin

A Sala Redenção exibe uma mostra dedicada a Charles Chaplin. O ciclo conta com o apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou e a curadoria de Tânia Cardoso. Sessões com entrada franca. Informações pelo telefone (51) 3308-3933 e pelo site www.difusaoacultural.ufrgs.br

A UMA DA MADRUGADA + CARLITOS NO ARMAZÉM + O PATINADOR
(EUA, 1916, 34 min) / (EUA, 1916, 24 min) / (EUA, 1916, 24 min)
No primeiro filme, Chaplin interpreta um bêbado que enfrenta uma guerra dentro de casa. No segundo, o vagabundo causa todo tipo de confusão em uma loja. No último, encanta uma garota com sua habilidade em patinar.
Sessão: 24 de janeiro, às 16h

O GAROTO + VIDA DE CACHORRO



(Inglaterra, 1921, 50 min) / (EUA, 1918, 40 min)
No primeiro filme, dupla de trapaceiros sobrevive quebrando e consertando vidraças. No segundo, o vagabundo salva a vida de um cão que se torna seu fiel companheiro.
Sessão: 24 de janeiro, às 19h

EM BUSCA DO OURO
(EUA, 1925, 83 min)
No Alasca, Carlitos tenta a sorte como garimpeiro em meio à corrida do ouro de 1898.
Sessão: 25 de janeiro, às 16h

O CIRCO
(EUA, 1928, 71 min)
Ao fugir da polícia, o vagabundo irrompe em meio a um espetáculo circense, fazendo grande sucesso de público.
Sessão: 25 de janeiro, às 19h

LUZES DA CIDADE



(EUA, 1931, 83 min)
Apaixonado por uma florista cega que acredita que ele seja um milionário, Carlitos tenta conseguir o dinheiro para que sua amada faça a cirurgia que lhe devolverá a visão.
Sessão: 26 de janeiro, às 16h

TEMPOS MODERNOS
(EUA, 1936, 83 min)
Operário de uma fábrica sofre colapso nervoso por trabalhar como um escravo.
Sessão: 26 de janeiro, às 19h

O GRANDE DITADOR



(EUA, 1940, 124 min)
Chaplin interpreta dois personagens: o ditador Adenoid Hynkel e um barbeiro judeu, acidentalmente confundido com o chefe de estado alemão.
Sessão: 27 de janeiro, às 16h

LUZES DA RIBALTA



(EUA, 1952, 282 min)
Palhaço decadente apaixonado por uma bailarina que tentou o suicídio.

Sessão: 27 de janeiro, às 19h

O PATINADOR + O IMIGRANTE + CARLITOS NAS TRINCHEIRAS



(EUA, 1916, 24min) / (EUA, 1917, 20min) / (EUA, 1918, 46 min)
No primeiro curta, Carlitos encanta uma garota com sua habilidade em patinar. No segundo, ele vive um imigrante acusado de roubo. No último, interpreta um recruta que vira herói durante a 1.ª Guerra Mundial.
Sessão: 31 de janeiro, às 16h

O VAGABUNDO E O DITADOR

(Inglaterra, 2002, 55 min), de Kevin Brownlow
Documentário que, a partir do making of de "O grande ditador", apresenta as características comuns entre Chaplin e Hitler.
Sessão: 31 de janeiro, às 19h

Cinema em tempo de férias

A Sala Redenção apresenta um ciclo de filmes infanto-juvenis com entrada franca. A curadoria é de Renata Signoret, bolsista do Departamento de Difusão Cultural.

O MÁGICO DE OZ
(EUA, 1939, 102 min) de Victor Fleming
Após um tornado, menina vai parar com sua casa e seu cachorro na fantástica Oz, onde tudo é magia.
Sessões: 1.º de fevereiro, às 16h; 28 de fevereiro, às 19h

A GUERRA DOS BOTÕES
(França, 1962, 90min) de Yves Robert
Grupos rivais de crianças travam uma batalha em que o prêmio são os botões das roupas de seus inimigos.
Sessões: 1.º de fevereiro, às 19h; 3 de fevereiro, às 16h

OS MENINOS DA RUA PAULO
(Hungria, 1969, 110min) de Zoltán Fábri
Garotos das ruas de Budapeste entram em guerra pela "posse" de um terreno baldio.
Sessões: 3 de fevereiro, às 19h; 7 de fevereiro, 16h

A HISTÓRIA SEM FIM
(Alemanha, 1984, 94min) de Wolfgang Petersen
Um misterioso livro transporta garoto para um mundo de fantasia.
Sessões: 7 de fevereiro, às 19h; 8 de fevereiro, às 16h

MINHA VIDA DE CACHORRO
(Suécia, 1985, 101min) de Lasse Hallström
Quando sua mãe adocece, menino é enviado para casa de parentes numa vila no interior da Suécia.
Sessões: 8 de fevereiro, às 19h; 9 de fevereiro, às 16h

O LABIRINTO - A MAGIA DO TEMPO



(EUA, 1986, 101min) de Jim Henson
Jovem incumbida de cuidar do irmão mais novo deseja que o personagem de seu livro favorito leve o bebê embora.
Sessões: 9 de fevereiro, às 19h; 10 de fevereiro, às 16h

A GLÓRIA DE MEU PAI
(França, 1990, 110min) de Yves Robert
As aventuras de dois garotos durante as férias de verão.
Sessões: 10 de fevereiro, às 19h; 14 de fevereiro, às 16h

PLANETÁRIO

O Planetário Professor José Baptista Pereira oferece programação para o público infantil. O ingresso é 1kg de alimento não perecível por pessoa.

TAINAKAN, ESTRELA DA MANHÃ
Pequeno indígena perde-se na floresta e encontra a deusa da Lua, com quem viaja pelo céu e aprende a reconhecer as condições que possibilitam a vida na Terra.
Sessões: dias 26 e 30/01
Local e horário: cúpula do Planetário, às 16h

ONDE?

Ceclimar
Av. Tramandaí, 976
Imbé - RS
Fone: (51) 3627-1309

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-4022

Salão João Fahrion
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar
Fone: 3308-3034

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

Planetário
Av. Ipiranga, 2.000
Fone: 3308-5384

ESPECIAL

Programação de Verão do Ceclimar

Atividades educativas e culturais no Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar), em Imbé.

OFICINAS NA TRILHA À LUZ DO LUAR
Ministrantes: Karine Steigleder, Olímpio Rafael Cardoso e Renata Xavier
Público-alvo: acima de 14 anos
Datas: 20/01 e 17/02
Local e horário: Ceclimar, às 20h
Material: sapato fechado, calça, repelente e lanterna

ÁGUAS VIVAS - BELAS E PERIGOSAS



Ministrante: Samanta da Costa Cristiano
Público-alvo: público em geral
Datas: 25/01 e 15/02
Local e horário: Ceclimar, das 15h30min às 17h

LIXO: UM ALIMENTO PERIGOSO
Ministrantes: Camila Thiesen Rigon e Luciana Fortuna Nunes
Público-alvo: público em geral
Datas: 27/01 e 24/02
Local e horário: Ceclimar, das 15h30min às 17h

BALEIAS E GOLFINHOS DE NOSSAS PRAIAS
Ministrantes: Daniela Hoss e Gisele Musskopf
Público-alvo: público em geral
Data: 01/02
Local e horário: Ceclimar, das 15h30min às 17h

CONHECENDO OS GOLFINHOS DO NOSSO LITORAL
Ministrantes: Daniela Hoss e Gisele Musskopf
Público-alvo: público em geral
Data: 03/02
Local e horário: Ceclimar, das 15h30min às 17h

VOE CONOSCO: AS AVES MARINHAS E COSTEIRAS DO RS



Ministrante: Luciana Fortuna Nunes
Público-alvo: público em geral
Data: 08/02
Local e horário: Ceclimar, das 15h30min às 17h

CONHECENDO OS LOBOS E LEÕES-MARINHOS DO NOSSO LITORAL
Ministrante: Priscila Moraes
Público-alvo: público em geral
Data: 10/02
Local e horário: Ceclimar, das 15h30min às 17h

A VIDA DOS INVERTEBRADOS

Ministrante: Vanessa Ochi Agostini
Público-alvo: público em geral
Data: 22/02
Local e horário: Ceclimar, das 15h30min às 17h

CECLIMAR VAI À PRAIA DE IMBÉ
Local: próximo à Av. Santa Rosa
Data: 11/02
Horário: das 9h às 14h

CECLIMAR VAI À PRAIA DE TRAMANDAÍ
Local: área próxima ao quebra-mar
Data: 18/02
Horário: das 9h às 14h

CECLIMAR VAI À PRAIA DE ATLÂNTIDA SUL
Local: próximo ao Quiosque Barbante
Data: 25/02
Horário: das 9h às 14h

CECLIMAR VAI À PRAIA DE ARROIO DO SAL
Local: em frente à praça Jovino Alves
Horário: das 9h às 14h

CONHECENDO NOSSA LAGOA
Local: margem da Lagoa

Tramandaí, em Imbé, próximo à ponte Imbé-Tramandaí
Datas: 27/01, 10/02 e 24/02
Horário: das 16h às 18h

VISITAÇÃO AO LEÃO-MARINHO



O Centro de Reabilitação de Fauna Marinha e Silvestre (Ceram) recupera e reinsere em seu habitat animais como o leão-marinho.
Período: 15/01 a 27/02, às sextas, sábados e domingos
Local e horário: Ceram, das 15h30min às 17h30min

CRIANDO, BRINCANDO E APRENDENDO COM O MEIO AMBIENTE

Ministrantes: Viviane da Veiga Fausto, Karine Steigleder e Renata Xavier
Público-alvo: crianças entre 7 e 10 anos
Datas: 9, 16 e 23 de fevereiro
Local e horário: Ceclimar, das 14h às 17h

CECLIMAR: 30 ANOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Período: de 7/01 a 27/02
Local e horário: Ceclimar, prédio da graduação, das 15h às 19h.

ESPONJAS MARINHAS NA COSTA SUL-BRASILEIRA
Período: 7/01 a 27/02
Local e horário: Ceclimar, Museu de Ciências Naturais, das 15h às 19h

ASTRONOMIA NA PRAIA
Ministrantes: Luiz Augusto da Silva e Isabel Cristina Bueno
Período: 7/01 a 26/02

PLANETÁRIO MÓVEL
Período: 7/01 a 26/02, diariamente de terça a domingo
Local e horário: Ceclimar, 16h30min às 17h10min e 18h às 18h40min

EXPOSIÇÃO

Acervo cerâmico itinerante



Mostra de obras de artistas e alunos convidados pelo Núcleo de Instauração da Cerâmica Artística (Nica), do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes. A exposição foi concebida como um acervo vivo, externo às salas restritas dos museus, por isso, algumas das obras serão instaladas nos corredores de acesso livre da Universidade.
Visitação: até 31 de janeiro
Local e horário: Sala João Fahrion, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h
Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS



A Universidade num clique

Três Cachoeiras, Rio Grande do Sul. No frio anoiecer do inverno, Luciane pedala sob o céu nublado e as luminárias vacilantes dos postes, buscando vencer alguns quilômetros que a separam do polo do curso de Pedagogia a Distância da UFRGS, onde irá encontrar boa parte dos seus 73 colegas. Lá é, para muitos, o único lugar de onde podem acessar a Internet, condição necessária para cumprirmos as tarefas, disponibilizadas nas plataformas de Educação a Distância (EAD) pelos professores das disciplinas. É também na internet, nos fóruns, que os alunos podem tirar dúvidas com os docentes e tutores e debater os textos entre si.

Com essa imagem de 2007, das memórias do primeiro semestre de Luciane Bittencourt Ribas na UFRGS, se identificam as colegas Daiane Matos dos Santos, Cristiane Borges de Medeiros, Leticia Justo Bock e Patrícia Lippert (foto acima), com quem se reuniu e fez vários trabalhos ao longo do curso. No dia 27 de fevereiro, elas estarão no Salão de Atos para, enfim, receberem o diploma pelo qual tanto lutaram, dedicando madrugadas e fins de semana aos seus estudos. Sua turma está entre as primeiras da história da graduação em EAD da Universidade a se formar. "Ainda não caiu a ficha, porque havia momentos em que parecia que não iríamos conseguir", afirma Patrícia.

Em cada disciplina, havia dois encontros presenciais, um no início e outro na metade do período letivo, e geralmente uma tarefa por semana era transmitida via plataforma; ao final do semestre, cada um tinha de apresentar um portfólio das atividades desenvolvidas.

As exigências do curso surpreenderam: "Eu tinha outra ideia do EAD; entrei porque achei que seria mais fácil, já que teria os trabalhos para fazer em casa, mas tive que abrir mão de muitas coisas da minha vida para me dedicar", afirma Leticia. Luciane conta que a sua prioridade, no início do curso, foi comprar um computador: "Levou quatro meses até eu adquirir um PC e colocar Internet em casa para trabalhar; era melhor e mais cômodo, porque eu trabalhava em regime de 40 horas e ainda tinha de ir ao polo à noite."

Quase todas as noites à frente do computador, essa era uma rotina. Patrícia, que tem dois filhos, um de nove anos e um de cinco, conta: "Eu começava às 19h e ia até 22h ou 23h; às vezes, por ter filho em casa, ficava nessa função e começava a estudar lá pelas 22h, me estendendo até 1h ou 2h. Estudava de três a quatro horas por noite". Luciane também tinha criança de

colo ao iniciar o curso – seu filho mais novo está hoje com quatro anos; os mais velhos, gêmeos, têm 14: "Teve um monte de coisas que eles tiveram de me ensinar porque no começo não sabia nada, não sabia nem ligar o computador. Hoje, não tem o que eu não faça".

Em praticamente todas as cadeiras havia atividades práticas a serem desenvolvidas nas escolas em que lecionam: "Nosso curso era teórico e ao mesmo tempo prático; mesmo aqueles que não davam aula deveriam procurar uma turma e ir aplicando os conhecimentos adquiridos", relata Leticia. Ela é professora desde 2000 na Escola João de Barro, da APAE, no mesmo local em que Patrícia começou a trabalhar em 2007. Já Luciane é secretária, há quatro anos, da Escola Municipal Fernando Ferrari, na zona rural: "Como eu já trabalhava lá e conhecia os alunos, para mim era simples, só comunicava à direção que iria aplicar alguns trabalhos, falava com a regente da sala e me afastava da secretaria naqueles horários".

Elas observam que não há um contato direto com todos os seus colegas: "Somos da comissão e, quando estávamos montando os convites de formatura, tivemos dificuldade em identificar cada um e relacionar o nome à pessoa", ilustra Patrícia. Mas certamente criou-se uma identidade em pequenos grupos: "Percebemos que podíamos nos reunir, e isso facilitava para nós; às vezes, mais de uma vez por semana nos encontrávamos à noite para fazer trabalhos", lembra Luciane, cuja casa, para Patrícia, foi um lugar que a marcou.

Na escola, no polo e em casa, a Universidade estava na vida delas e, para todas, o local que mais simboliza a relação com o curso é à frente do computador: "Tudo passa por ali: aprendizagem, conteúdo, relação com tutores e os próprios colegas", observa Luciane. Leticia destaca: "Apesar de estarmos longe das dependências da Universidade, sempre tivemos isso presente: somos alunas da UFRGS. Nós nos sentimos muito orgulhosas por fazermos parte desta instituição".

A 280 quilômetros de Porto Alegre, elas também têm o seu lugar na UFRGS.

Diego Mandarino, estudante de jornalismo da Fabico

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Perfil Da academia à literatura infantil

Sylvia Roesch
Aposentada, a professora agora se dedica a criar histórias para crianças

Jacira Cabral da Silveira

Depois de mais de dez anos escrevendo histórias empresariais, Sylvia Roesch, graduada em Sociologia pela UFRGS e doutora em Administração pela London School of Economics and Political Science (Inglaterra), lançou na Feira do Livro de Porto Alegre deste ano *O mistério da mesa arranhada*, para crianças de 4 a 10 anos de idade. "Queria sair da área acadêmica", comentou em sua breve visita à Universidade de onde se aposentou em 1995, mudando-se para a Inglaterra logo depois.

Antes de viajar, entretanto, cursou a Oficina Literária do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, porta de entrada para essa nova fase na literatura. Na área de Administração, já é best seller há 14 anos com sua obra *Projetos de estágio e de pesquisa em administração*, publicada pela Editora Atlas, para graduação e mestrado, que vende cerca de dois mil exemplares anualmente. Foi a verba da venda desse livro, inclusive, que possibilitou a publicação da *Mesa arranhada*, introduzindo a professora aposentada na categoria de "autora independente".

O mote instigador dessa incursão como narradora chama-se Juliano, nome do mais velho de seus quatro netos e os dois irmãos, Luisa e Francisco. Seus apartes especiais nos assuntos dos adultos e os inúmeros desenhos rabiscados em álbuns pelo chão inspiraram Sylvia na hora de criar a história, que também traz fragmentos do convívio com as filhas Daniela e Mariana, quando compraram um papagaio para

mascote lá pelo início da década de 80, e que reaparece na mesa arranhada como um dos personagens da história. Mas foi na escolinha da neta Isabel, filha de Mariana e Sandro e que mora em Caxias do Sul, o lugar em que a professora apresentou o seu livro pela primeira vez.

De Londres a Caxias – "Não foi uma carreira planejada", confessa. Logo que o pai faleceu, a família passou por muitas dificuldades financeiras. A escolha por Sociologia na hora de fazer o vestibular foi um pouco pela conveniência do horário, pois trabalhava na Caixa Econômica Estadual das 7h às 13h30min e precisava conciliar estudo e trabalho.

Mais tarde, começou a trabalhar como assistente de pesquisa em projetos junto ao Centro de Estudos e Pesquisa em Administração (Cepa) da UFRGS. Em 1968, assumiu como bolsista na Universidade e em 1970, depois de graduada, fez um curso de aperfeiçoamento em administração e desenvolvimento regional na Venezuela, pelo Cepa, com uma bolsa de estudo financiada pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Tais experiências acabaram por levá-la a fazer mestrado na área de Administração na UFRGS, com ênfase no setor público.

Em 1974, voltou a trabalhar na UFRGS no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). No ano seguinte, foi chamada para voltar a ser pesquisadora do Cepa. Logo depois, passou no concurso do MEC para técnico em assuntos educacionais, trabalhando por quatro anos nessa função no Cepa e no Pós-Graduação em Administração. Em 1980, prestou novo concurso para docente, foi aprovada, e decidiu fazer doutorado na Inglaterra. Antes de emigrar por essa área, entretanto, havia cursado dois anos de Economia, pois, segundo ela mesma, "sempre gostei de fazer várias coisas diferentes".

Atualmente, Sylvia administra uma revista acadêmica da Universidade de Londres. Com uma carga horária maleável, concilia expedientes presenciais com virtuais, quando trabalha, do computador de seu apartamento, para a revista. O resto do tempo aproveita para

fazer diferentes cursos, geralmente na área de produção literária. Entre estes, o que mais aproveitou foi um curso de um ano de duração sobre redação de histórias infantis com a escritora Elizabeth Hawkins. Chegou a ter aulas com o diretor de teatro Zadoque Lopes, para melhor contar suas histórias, pois não pretende parar no livro de estreia, que já tem contrato com a editora gaúcha Mediação para sua próxima edição.

Sua carreira literária, entretanto, não a afastou por completo do meio acadêmico. Seja por vocação ou por amor ao seu país, Sylvia continua dando aula como professora visitante na Universidade de Caxias do Sul e em outras escolas de Administração no Brasil, onde ministra oficinas, para alunos de pós-graduação, de construção de casos para uso no ensino de Administração: "São histórias empresariais que relatam um problema gerencial que vai desde o lançamento de um produto à descrição da situação de uma empresa que precisa dispensar funcionários".

Para Sylvia, não fosse a experiência das discussões dos *cases* de gerenciamento em busca de soluções empresariais, não teria dado conta de tudo aquilo que envolveu sua estreia como autora para crianças. De acordo com ela, foi necessário remar sozinha desde o princípio da produção do livro: contatos com ilustradora, editoras, gráficas, imprensa, bibliotecas, etc. E tudo isso lá do outro lado do Atlântico. Além disso, confessa ter descoberto a alegria de contar histórias para uma porção de crianças que a têm atentamente escutado. Ela mantém um website onde é possível conhecer um pouco mais sobre a nova escritora – www.sylviaroesch.com.

Atualmente, Sylvia administra uma revista acadêmica da Universidade de Londres



Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



O que poderia marcar a produção fotográfica na universidade? Certamente, a variedade de abordagens e a diversidade de linguagens. Para divulgar um pouco dessa produção, a Coordenação de Cinema e Fotografia da prefeitura da capital convidou três universidades – UFRGS, PUC e UNISINOS – para mostrarem o que os seus alunos têm realizado. Em tempos em que se fotografa com qualquer tipo de aparelho, qual a importância de ainda se aprender fotografia na universidade? A resposta pode vir pelo texto de apresentação da exposição, do jornalista Eduardo Veras: “Sim, fotografia é algo que se ensina. Portanto, aprende-se, estuda-se. O aprendizado mais efetivo, obviamente, não é aquele que nivela, que comprime ou iguala os diferentes olhares. Não é à toa que o lugar privilegiado de estudo se chama universidade. O estudo mais efetivo reconhece as disparidades. Mais do que isso, alimenta-se e sobrevive dessas diferenças”.



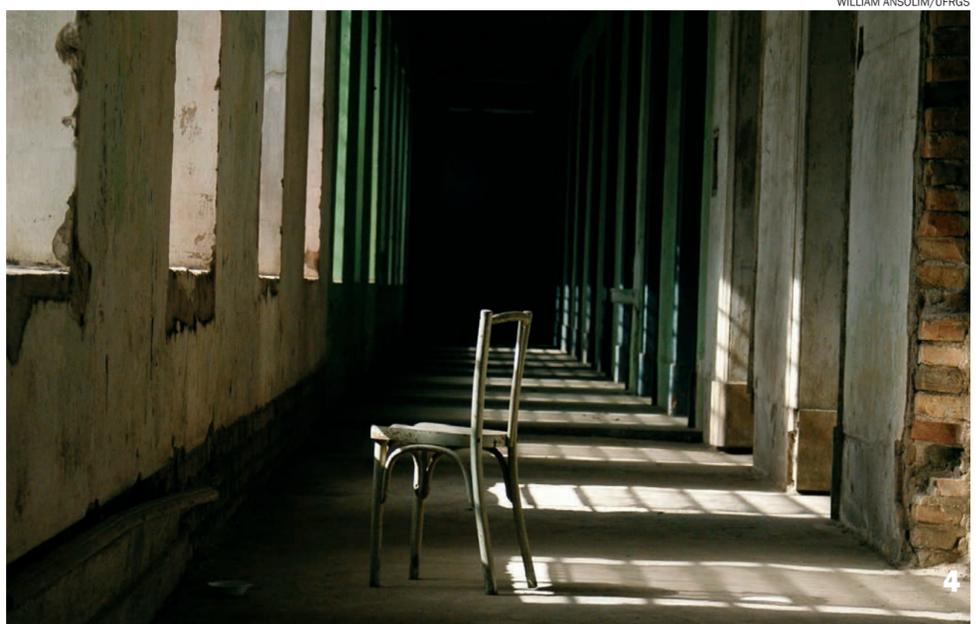
BRUNO TODESCHINI/PUCRS

A câmera universal

TEXTO FLÁVIO DUTRA



FERNANDA RODRIGUES/UFRGS



WILLIAM ANSOLIM/UFRGS



ADAM SCHEFFEL/UNISINOS

AS FOTOS PUBLICADAS NESTE ENSAIO SÃO DA MOSTRA **PANORÂMICA II**. A EXPOSIÇÃO PODE SER VISITADA ATÉ O INÍCIO DE MARÇO, DE TERÇAS A DOMINGOS, DAS 9 ÀS 19H, NA GALERIA DOS ARCOS DA USINA DO GASÔMETRO.



JOÃO GABRIEL DE QUEIROZ/UNISINOS